

BRASIL-PORTUGAL

1 DE NOVEMBRO DE 1899

N.º 19



Sarah Bernhardt, em 1865

CRONICA ELECTRICA

A Sarah

LEMAITRE disse que para as gerações futuras ella seria: a Fabula, Hugo chamou-lhe: Divina, Sarcey n'uma escala de admirações e louvores desde que em 1862 a obscura discipula do Conservatorio debutou em Paris até á criação suprema das grandes figuras da tragedia e do drama, considerou-a: a Maior, e, em resumo, poetas, criticos, artistas, todos os que no altar da intelligencia commungam e prestam culto sagrado á Arte, ajoelham deante d'esta Magna Sacerdotisa, que enche o mundo com o seu nome, vibra corações com os seus nervos, excita com o seu genio o entusiasmo de todos os povos, dá leis novas á esthetica, fugitiva á disciplina e a ordem a golpes de audacia e de imprevisto, percorre todos os pontos do globo n'uma allucinação de febre e de victoria, e, em todas as manifestações das bellas artes, em todo o imperio do espirito, fixa e impõe a sua griffe admiravel, inconfundivel.

Hoje bohemia errante dos *faubourgs* de Paris, ámanhã alumna laureada do Conservatorio, d'ahi a pouco debutante que começa a atrahir as atenções da critica, poucos annos decorridos, societaria illustre da *Comédie*, e desde então a maior gloria feminina da França artistica, como foi que esta mulher singular conseguiu em tão rapido tempo avassalar os espiritos, dominar a critica, esmagar os dissidentes e com a sua voz de ouro levar e impôr a todas as regiões cultas do globo, como a arte por excellencia, a Arte franceza!

Tem razão Lemaitre, tem. As gerações que succederão á nossa tantos talentos, tantas aptidões, tanta originalidade, tantas individualidades, hão de encontrar na individualidade de Sarah Bernhardt, que essa mulher unica será para ellas: a Fabula.

Essa voz incomparavel que tem ternuras de amante e rugidos de leão, a que a natureza confiou todos os seus segredos, em que o amor poz toda a sua ternura, e o odio todo o seu impeto, essa voz, que tem o poder de nos lançar nas epochas extinctas e de melhor nos fazer comprehender a nossa, essa voz de ouro não pode infelizmente a posteridade ouvi-la. Os oradores e os artistas de theatro, os grandes, os elei-

tos, os que encheram o seu tempo com a serie dos seus triumphos, não tem como outras celebridades contemporaneas a vantagem de poder deixar da sua arte vestigios que lhes perpetuem o nome atravez dos seculos. O que a gloria de todos elles ganha em intensidade perde em duração. Triunpho igual ao que obtém o orador, ao que obtém o actor nos momentos fulgurantes em que arrebatam um publico extasiado perante a arte de um ou de outro, não existe na terra. Mas quando essas vibrações expiram, e essa voz emmudece, e se apaga esse cerebro, apaga-se tambem a gloria conquistada palmo a palmo, e o victorioso de hontem é, não raro, o desconhecido de ámanhã



Sarah no seu atelier de pintura

Sarah Bernhardt. Chegará até lá o echo dos applausos febris com que os publicos de todos os paises coroaram a sua obra. Nas homenagens dos reis, na ovação das multidões, nos hosannahs de todos os poetas, nas admirações de toda a Critica, o Futuro escutará ainda a vibração metálica d'essa voz em que a Medea rugiu a sua furia de amor, em que a Dona Sol cantou a sua paixão convulsa, em que a Adriana reviveu o drama da sua vida de tragica, em que Margarida redimiu todas as grandes peccadoras, em que fremiu a paixão incestuosa de Phedra, em que a Tosca, e Gismonda e Theodora, as imperatrizes, as amantes, as que odeiam, as que se vingam, as que morrem ou matam por amor, puzeram todas a nota viva do sentimento que as agitou, em que finalmente o Hamlet encontrou a expressão ideal da sua vida, do tormento da sua imaginação!

E ao vel-a ainda, hoje escultora, pintora amanhã, agora escrevendo chronicas para os jornaes, artigos para as revistas, livros de polemica para confundir a inveja, que lhe disparava a suas settas hervadas, ao vel-a hoje desprezar ofertas principescas e ámanhã casar por amor com um artista como ella, ao vel-a adorar o filho como a mais burguezia e affectiva de todas as mães, ao sabel-a hoje pobre, amanhã opulenta para outra vez empobrecer no dia seguinte, até que d'ahi a pouco espalha de novo o ouro ás mãos cheias, ao sabel-a perseguida em Paris pelos credores, apredada na Russia como jodia, origem de um conflicto diplomatico na Allemannha, que deu de si a demissão de um embaixador por ter n'um brinde mais admiração que diplomacia, ao conhecer as suas excentricidades, as suas utopias tornadas realidades, ao relembrar esse famoso banquete de Paris em que lhe prestaram culto todos os marechães da intellectualidade franceza, e em que a famosa lagrima de Victor Hugo foi a suprema consagração da sua gloria, ao vel-a



O atelier de Sarah na rua Fortuny

na simplicidade das suas grandes linhas como que arrancadas á estatuaria da Grecia, ao vel-a crear uma arte: a da *feuilleton* no theatro, uma sciencia: a da *mise-en-scene*, ao vel-a deusa no palco, excepcional na vida, encontrando nas suas creações não a verdade real como a Duse, mas o ideal na verdade, o Futuro perguntará abstrato se essa mulher é o Sonho, o Mystério ou a Lenda, e por não poder n'um relance abrangel-a, dirá afinal como Lemaitre que ella é: a Fabula.

Hoje para nós ella é simplesmente a filha dilecta e privilegiada d'esta nevrose moderna que suprime o tempo e o espaço, doma o impossivel, deslumbra o olhar, e ressuscita o Milagre.

Grças a uma empresa benemerita, Lisboa vae pela quarta vez prestar o seu culto a Sarah Bernhardt, e o afan com que o publico corre ao theatro elegante em que vamos vel-a, prova que se não fatigou o espirito a admirar-a nem as mãos a applaudil-a.

Quando aqui esteve da segunda vez representou no theatro de D. Maria, e lembro-me de uma *matinée* de caridade em que estavam doze pessoas na platéa e apenas occupados tres ou quatro camarotes.

Foram dizer-lhe:

—E' melhor não dar espectáculo. Ha uma duzia de pessoas na sala, se tanto.

—Perfeitamente, vou representar para essas.

E nunca até ahi, na sua propria criação, a dama das camélias amou com mais soffrimento, morreu com maior angustia e com mais arte. Tambem, nunca uma grande artista teve de um pequeno publico ovação equal.

Os *fleis* d'essa manhã memoravel reunir-se-hão em breve na sala do D. Amelia para mostrarem á Grande Mulher que não esqueceram essa manifestação bizarra da sua arte e da sua alma.

O Futuro, porem, encarregar-se-ha de pôr fóra d'esta lei, que tem o que quer que seja de providencial e equitativo, a figura unica de

O Transvaal



ELA fatalidade do seu destino, o Transvaal está despirando a curiosidade do mundo inteiro.

Mais que curiosidade. No presente periodo critico da sua evoluçao politica, não é sem manifestas provas de interesse, quando não do sympathy, que os povos civilizados, até mesmo na propria Grã Bretanha, procuram conhecer os successivos lauces d'essa grande tragedia que ameaça alagar em sangue o territorio da Africa do Sul.

Compreende se bem este sentimento, attendendo um pouco nas causas da lucta.

De um lado, uma grande nação, que se préza de caminhar na vanguarda do progresso, exagerando a protecção aos seus subditos em terra estranha até ao ponto de exigir que um punhado de homens, que por um curiosissimo contraste fundou uma republica de brancos no seio de populações indigenas regidas internamente pela mais despotica autocracia, modifique as leis porque se roge, sacrifique os seus indiscutíveis direitos e os seus mais vivos interesses; que promova pelo voto dos seus legisladores a approximação de um prazo certo, já bem visível no horizonte politico da Africa do Sul, concedendo no seu territorio, aquelles subditos, excepcionaes regalias sob o offensivo pretexto de que elles possam melhor e mais desfogadamente pagar pelos seus interesses na exploração das riquezas do solo transvaaliano.

Por outro lado, defronta se o nobre sacrificio feito por um povo, convicto de que uma lei fatal o condemnou a desaparecer da scena politica da Africa do Sul, defendendo com as armas na mão, como ultimo recurso, o seu direito à existencia, decidida a morrer honrosamente lavrando com o seu sangue um intenso protesto contra o seu destino, esperança, talvez, de que algum dia a posteridade, curvando se reverente sobre os monticulos de terra africana que denunciam os logares de repouso eterno das suas ossadas, lhe faça a apothese da sua heroica dedicacão e civismo.

Não me proponho resolver o de certo intrincado problema de averiguar de que lado existe a justiça e a equidade: talvez em ambos os campos. Afigura-se me porém manifesto que a grande e nobilissima causa da civilisacão africana tem de velar à frente enquanto o troar do canhão e o ruído secco da fusilaria dão ao selvagem aborigene o pouco edificante espectáculo de dois povos civilizados, brancos, agredindo se furvoentes de odio e rancôr, e lhe incutem, no seu acanhado e rudimentar intellecto, um sentimento de descrença pelas doutrinas de paz e amor que o missionario lhe segreda no remanso da selva africana.

Um voluntário boer

Data de longe o antagonismo entre boers e ingleses. Como se sabe, foram holandeses e francezes, refugiados na Hollanda pela revogação do Edito de Nantes, que constituiram a primeira remessa de colonos feita pela Companhia das Indias Orientales para o seu estabelecimento do Cabo da Boa Esperança que nós, portuguezes, não quizemos occupar pela mais lamentavel falta de previsão de qual deveria ser a nossa racional missao colonisadora nas duas costas africanas.

Não era por certo suave o regimen imposto na colonia por aquella Companhia que implantou no extremo sul do continente negro as injustiças, crueldades e abusos do poder que constituiram o regimen normal, não só na Hollanda e Inglaterra, mas também em França durante o periodo que mediou entre a morte de Henrique IV e os primeiros alvares da revolução franceza. Contra um tal systema de administração reagiam os primeiros colonos e depois os boers, seus descendentes, que procura vam fugir aos seus effeitos internando se mais e mais no paiz com o pretexto de necessitarem obter novas pastagens para os seus gados.

Manifestou se mais intensa a reacção quando, depois do estabelecimento definitivo do dominio ingles no Cabo da Boa Esperança, foi abolida a escravidão no territorio da colonia e a politica britannica, então applicada na Africa do Sul, se orientou segundo as ideias philantropicas da epoca e por forma tal que até reconheceu aos indigenas o direito de arrancar pela força a reparação de agravos que lhes fossem feitos quando não podessem obtel-a por meios menos violentos. Perante estas manifestações de philantropia, os boers, cuja Biblia lhes recommendava

como um dever sagrado a extincção da idolatria e que se arrogavam sobre os negros o direito de soberania absoluta como derivada do direito natural do homem e da vontade expressa de Deus, só viram diante d'elles o unico recurso de abandonar o paiz.

Assim se produziu, em 1836, o primeiro exodo para os territorios da actual colonia de Natal e para a região entre os rios Vaal e Orange.

Não caberia nos limites impostos a este estudo fazer a historia d'este e de outros exodos que se lhe seguiram; das privações e trabalhos soffridos pelos boers; das suas luctas com os indigenas e com os ingleses e até que se constituiram definitivamente as republicas do Transvaal e do Free State. Sómente notarei que na atribulada digressão dos boers através os sertões africanos, povoados de raças indigenas altivas, guerreiras e cruéis, se produziu quasi constantemente o facto de passar para o dominio ingles o territorio onde aquelles conseguiram estabelecer se, sob o pretexto mais ou menos fundamenteado de

que era nocivo e perigoso para os interesses britannicos o estado de agitacão e de animosidade contra os brancos provocado pelas extorsões que os boers faziam aos indigenas; era o phantasma de uma guerra de raças a razão de ordem de tal procedimento da Grã Bretanha que, a titulo de proteger os indigenas, se foi apoderando, directamente ou por meio de protectorados, das extensas regiões que os boers iam primeiro regando com o seu sangue e que não hesitavam em abandonar depois para fugirem mais uma vez à intervenção incommoda dos ingleses.

Não admira pois que, durante o longo periodo que mediou entre o primeiro exodo boer e a constituição definitiva do Transvaal, se fosse successivamente accumulando a animosidade contra os ingleses, depois alimentada pelas reclamações desmedidas, embora por vezes fundamentadas dos *afinders* para que se possesses sobre a varios abusos da administração transvaaliana, até que o inaudito e arrojado *raid* de Jameson, intentado com o fim de dar a mão aos conspiradores, mais espectacular que terrivel, de Johannesburg, elevou os espiritos a uma tal tenção de hostilidade que mal se comprehende como a lucta, hoje travada, se não se desançou logo em seguida a tão condemnavel attentado.

Compreende o territorio do Transvaal uma superficie de cerca 114.000 milhas quadradas. Estudado orographicamente, apresenta este paiz duas divisões bem definidas: ao Sul e Oriente, o *Hooop* ou *High veldt* com altitudes variaveis entre 4.000 e 7.000 pés; ao Norte e Occidente, o *Bush veldt* cujas altitudes não excedem 4.000 pés.

O *High veldt* é essencialmente um paiz de pastagens que os boers tem o costume de melhorar queimando as durante o inverno, quando estão seccas, com grave prejuizo da arborisacão, extremamente pobre ao Sul de paiz e composta quasi exclusivamente de diversas especies de anecia, mais tornando se mais rica nas regiões ao Norte e sendo luxuriante para além do paralelo 26°.

No *Bush veldt* encontram se verdes as pastagens durante todo o anno, abundando n'elle as florestas como as de Pongolo, no districto de Utrecht, e as do districto de Zoutpansberg, das quees se extrahem magnificas madeiras para construcções e para as carretas em uso por todo o Transvaal, bem como ferro, manganês e outras especies de importante valor. E' para o *Bush veldt* que o boer emigra com sua familia e gados quando secca a herba no *High veldt*.

O clima transvaaliano é magnifico, posto que intensamente frio nos pontos mais elevados, sendo extremamente usual entre os boers a prolongação da vida até avancada idade. Propriamente fallando, ha no Transvaal apenas duas estações: o verão, de outubro a abril, quente, sem ser oppressivo, e chuvoso; o inverno, de maio a setembro, secco e bastante frio, especialmente nos mezes de junho e julho.

Se a iniciativa boer, o permissivo, o Transvaal deveria ser o celeiro da Africa do Sul, não havendo paiz no mundo que tenha só mais apropriado para a cultura de todos os cereaes, que tanto poderia desenvolver se nos districtos de Marico, Rustenburg, parte do de Pretoria,



Antonio José d'Araújo



Canto nacional do Transvaal



Vista geral de Pretoria, capital do Transvaal



Johannesburg em 1895

Lydenburg, Waterburg e Zoutpansberg. Mas a actividade agricola transvaaliana é tão diminuta que apenas se manifesta n'uma restricta area de 25.000 acres, não sendo mesmo sufficiente para alimentar os mercados dos campos auríferos de Kaap e Johannesburg.

Com quanto possa ou ambicione possuir grandes tractos de terreno, o boer, em regra, desdenha a agricultura, que lhe exige muitos cuidados, dedicando-se de preferencia à criação e engorda de gado, propriedade mobilisavel mais conforme com os seus instinctos de emigrante, e cuja manutenção, á custa exclusiva da herva do prado, lhe não dá grandes preoccupações. Assim a riqueza do boer avança-se mais pelo numero de cabeças de gado, que pelo de acres da terra que possui.

Cabe ao actual presidente Kruger a gloria de haver realiado no seu país o sonho favorito do seu antecessor Burgers em estabelecer communicações acceleradas entre o Transvaal e o Oceano. Orientado politica e economicamente para o porto de Lourenço Marques, como o mais proximo e conveniente para o fim que tinha em vista, foi a linha ferrea para a fronteira do respectivo districto portugeta a sua principal e, primitivamente, unica aspiração que manteve e realiso apesar de uma serie de circumstancias o haverem induzido a estabelecer communicações da mesma especie para as colonias britannicas de Cabo e do Natal, por não encontrar no boer portugeta da linha «Pretoria-Lourenço Marques» a precisa capacidade de trafico para fazer face á então consideravel silencia de mercadorias de toda a especie provocada pelos primeiros vigorosos impulsos dados á exploração dos importantes jazigos auríferos do Witwatersrand.

Em 1873, havia no Transvaal 120 kilometros de caminho de ferro em exploração; em 1895, havia 761 kilometros; em 1896, 1004, e 1147 em 1897.

Vê-se que se trabalhou com energia, demonstrando o exame das linhas um cuidado de construção que honra sobremaneira os engenheiros que a dirigiram, tendo não poucas vezes de luctar com difficuldades importantes devidas ao accidentado do terreno, ao clima e á falta de recursos locais. Foi na construção da linha para a fronteira portugeta que estas difficuldades mais se fizeram sentir porque n'ella foi preciso vencer o consideravel desnivelamento entre o plateau e a região immediatamente inferior onde as más condições climaticas fizeram consideravel numero de victimas.

A travessia dos Drakenberg pela portella do rio Crocodile, a secção comprehendida entre as estações de Alkmaar e de Elandsheek; a subida ao plateau, de Waterval onder uit Waterval-boven, primeiro em rampa de 20 millimetros por metro e, depois, com auxilio de uma cremalheira, systema Rigenbach, de 3.332^{da} de extensão n'uma rampa de 50 millimetros, e de um tunnel com a mesma inclinação e em curva de 211^{da} de desenvolvimento; ainda a secção de Waterval-boven a Belfast, ponto culminante da linha, a 1.967^{da} de altitude; finalmente a passagem no valle do rio Kaap, no ramal entre Kaapnuiden e Barberton, são trabalhos que asseguram a reputação de distinctos aos engenheiros que os projectaram e fizeram executar. Justo era pois que as receitas das linhas ferreas transvaalias, exploradas por esta Companhia foram, em numero de rodadas, de 882.000 Ls. em 1895, de 1.705.000 Ls. em 1896 e de 1.490.000 Ls. em 1898.

Em compensação é muito restricto o numero de estradas carreirais, dignas d'este nome, apesar de, por exemplo, se haver dependido em 1897 cõrca de um milhão estelino em obras publicas; não constitue porém tal lacuna um grande embaraço para a população boer, tão habituada ella está a considerar de mediocre importancia nas suas viagens as grandes irregularidades do sólo. E preciso na verdade ter visto os sulcos das rodas das carreiras boers frachados nas íngremes vertentes das montanhas do país; é preciso ter visto, ao menos uma vez, como transpõem profundos barrancos, sobem ou descem abruptas encostas aquellas pesadissimas carreiras, ervidas por oito ou dez juntas, de bois, ora exer-

endo enormes esforços de tracção nas subidas, sob a habil direcção do driver, encarregado de mantel-os no bom caminho, ora Junciondo atrás da carreta, sustentando-a para que se não precipite nas profundezas do abysmo, para se fazer ideia do que é esta extraordinaria população boer perdida nos silvagens sertões d'África e obrigada a tirar partido dos poucos recursos, de que dispõe, á custa de um insano trabalho e de uma enorme despesa de alguma talveza de uma melhor orientação.

Se taes são os caminhos, bem pode suppr-se o que será uma viagem em post-carri para o pobre viajante que não pode, por qualquer circumstancia, utilizar o transporte em caminho de ferro. Chegar ao seu destino apenas mortificado por dolorosas e contínuas trepidações de algumas horas de viagem n'um café, é, no meu parecer, o melhor argumento demonstrativo da consideravel resistencia de que é susceptivel a osatura humana.

Citel, ha pouco, o nome de Burgers como um sonhador da independencia para que se não precipite nas profundezas do abysmo, para se fazer ideia do que é esta extraordinaria população boer perdida nos silvagens sertões d'África e obrigada a tirar partido dos poucos recursos, de que dispõe, á custa de um insano trabalho e de uma enorme despesa de alguma talveza de uma melhor orientação.

O ferro, n'uma enorme area de territorio; minérios de chumbo, em Marico; chumbo argentino, nas proximidades de Pretoria; cobre, quasi puro, no districto de Lydenburg e em Boshof; minérios de zinco e antimónio, proximo de Steyns dorp; alguns diamantes no districto de Bloemhof e no rio Waal, são já, na verdade, riquezas importantes que, convenientemente aproveitadas, podiam concorrer eficazmente para a prosperidade do país. E são porém ainda quasi inexploradas porque a abundancia de jazigos auríferos absorveu de preferencias todas as attentões occupando todas as iniciativas.

Entre estes avultam os de Witwatersrand, tão ricos que, apesar da enorme quantidade de ouro já d'elles extrahida, se calcula que a sua exploração poderá continuar ainda por um periodo minimo de 60 annos na razão de uma extracção annual de 150.000 k. de ouro. E a verdade é espantosa: e tão prodiga foi a natureza, que até não descurou accumular nas proximidades d'estes riquissimos jazigos, os abundantes depositos carboníferos de Bocksburg e Springs para que aos exploradores do ouro nada faltasse para a activa laboção das minas. De um lado, o carvão; do outro lado, o ouro; e eis o que se observa, a ophir dos tempos modernos. É o centro de actividade em torno do qual pode dizer-se que gravitam os destinos da Africa do Sul.

Comquanto existam no Transvaal outros jazigos auríferos em exploração, nos districtos de Heidelberg, Schoonpruit, Malmesbury, Kaap, Zoutpansberg e Lydenburg, não podõ o conjunto da sua produção



Marquer de Salisbury



Typo boer.—Um fazendeiro



Typo boer.—Um fazendeiro

General Buller
Comandante das forças
expedicionarias inglesas

Johannesburg em 1908

comparar-se com a do distrito do Rand que representa mais de 90 por cento da produção total do país, que foi em números redondos, nos últimos seis annos, de:

44600 kilog. em 1893
63500 " " 1894
70600 " " 1895
65400 " " 1896
87000 " " 1897
128200 " " 1898

Depois do ouro, o carvão. Além das minas de Springs, em grande parte utilizadas em serviço do Rand, existem importantes jazigas nos distritos de Vereeniging, Middelburg, Schoonspruit, Standerton, Pretoria e Lydenburg cuja exploração, especialmente para os de Middelburg, começou a desenvolver-se quando se abriu a exploração a linha ferrea «Pretoria-Lourenço Marques».

A produção total de carvão foi de:

517300 ton. em 1893
787600 " " 1894
1045500 " " 1895

O pessoal operario e trabalhador, em serviço nas minas transvaalinas e, mais particularmente, nas minas de ouro, é em avultado numero; nos annos de 1893, 1894 e 1895 havia n'estas ultimas:

	Branco	Preto
Em 1893	3248	30251
" 1894	5652	42504
" 1895	7523	54737

A grande quantidade de braços indigenas necessario para a fabricação diaria das minas tem creado graves embarracos á Companhia mineira por isso que, não havendo sufficiente offerta de mão de obra que permitia renovar a quando seja conveniente, aquellas Compãhiastem por vezes estado á mercê das exigencias dos indigenas que, comprehendendo muito bem quanto são indispensaveis, não se prestam a trabalhar em troca de elevada remuneração.



Um tunnel da linha ferrea de Durban a Pretoria

quasi exclusivamente derivada da exploração das minas de ouro do distrito do Rand e, como receitas relacionadas com aquella exploração, dos rendimentos aduaneiros, postaes e outros, bem como de das linhas ferreas que, ligando Johannesburg com os portos maritimos das colonias do Cabo e Natal e do distrito de Lourenço Marques, são destinadas a transportar para aquelle centro de actividade os recursos e meios de accão, de toda a especie, do mundo inteiro. Com effecto, n'um total de 4.876.429 Lb. como receita do Transvaal, em 1897, figuram, entre outras, as seguintes verbas:

	Libras
Alfandegas	1.500.000
Licenças para pesquisas, exploração e outras	757.842
Imposto de caminhos de ferro	13.980
Juro e dividendo de accões e obrigações de caminhos de ferro; juro de capitales emprestados para caminhos de ferro	201.144
Correios e telegraphos	297.150
Receitas de concessões e dos caminhos de ferro	551.041
Venda de explosivos e producto da venda de dynamite	550.000

O que produz um total de 3.810.957 Lb., ou sejam quasi 78 por cento da receita total.

Se attendermos a que a prosperidade, é que alludi, é realizada quasi exclusivamente pelo trabalho e concurso da população *uitlander*, o nosso espirito dispõe-se naturalmente a considerar equitativa a protecção, dentro dos limites da prudencia, que o Transvaal dispensasse áquelle que pela sua energia e actividade honesta, promovem, cumulativamente com os seus proprios interesses, o bem estar e o progresso d'aquelle paiz.

Para concluir, alguns traços descriptivos dos boers e do seu Presidente.

Tendo por ascendentes aquelles cujo amor da independencia era tão intenso que preferiam exilar-se da sua patria para manterem illesa a liberdade da sua consciencia, o boer ama a solidões do *veldt*, não sendo



Uma rua de Johannesburg

ferrea transvaaliana proximo a Dalmanutha, por vezes se fazem trabalhos o fazendo passar a linha pelo seu terreno, aliás inculto, o que talvez o obrigaria a ter de emigrar novamente. Aliado aos sentimentos e habitos com a noção, já descripta, do que devem ser, em Africa, as relações entre brancos e indigenas, comprehendendo que o boer, como elemento de colonização, tem na verdade um valor muito contestavel.

Essencialmente religioso, por vezes até ao fanatismo, é pelos dictames da Biblia, que o boer, mesmo da classe mais illustrada, procura sempre regular a sua conducta. A força de ser religioso, cheiga a ser um tanto fatalista, como o arabe. Ha annos o parlamento transvaaliano, o *Raad*, recusou segurar contra os perigos de incendio os magníficos edificios do Governo, em Pretoria, porque, se fosse vontade de Deus que elles ardessem, nada havia que podesse oppor-se-lhe. Max O'Neil, d'onde extrahi esta citação, conta ainda o curioso incidente de uma sessão do mesmo *Raad*, em 1893, na qual alguns membros se opposeram á adopção de medidas tendentes a exterminar as nuvens de gafanhotos que infestavam o paiz, sob pretexto de que estes animaes eram sagrados porque Deus havia mandado á terra uma praga d'elles para castigar a iniquidade dos homens.

Não é convivente; possuindo, em regra, extensos tractos de territorio, satisfeito quando nem mesmo o incommoda a visão do fumo longo da chaminé do seu vizinho, o boer, antes acampado do que esta belecido no seu dominio, com a sua carreta, os seus bois, o seu fuzil e um cavallo, resistente mas tão foio que apenas mereceria um sorriso desdenhoso dos *sportmen* do velho mundo, é na verdade o senhor absoluto a quem sobrenheira contrarias os deversos impostos pelas leis do paiz, excepto quando esses deversos se traduzem em castigar uma rebellião de indigenas ou defender a liberdade e integridade do territorio. Imgi-nem-se, pelo que fica dito, como seria recebido n'uma *farm* um *diaper* um estrangeiro, quasi sempre um inglez, que viesse bruscamente pedir licença para ali fazer pesquisas mineiras. Verdade seja que a formula de recepção se modificou mais tarde quando alguns boers começaram a entrever os lucros que podiam advir lhe da existencia, nas suas *farm*, do precioso metal que pouco a pouco se foram habituando a apreciar com menos sobraneria.

De costumes patriarchaes, inspirados pelos preciosos da Biblia, não se encontra no seio da população boer o cancro viceito que corroe as sociedades civilizadas; se não ama o progresso e só o tolera quando não pôde fugir-lhe ou d'elle auferir directos proventos; se, na sua essencia, é um povo estacionario; se a sua instrucção é, com excepções, apenas rudimentar; tem, ao menos, a vantagem de ser, na sua vida intima, um povo extremamente sobrio e de uma grande simplicidade de costumes dictados pelos mais puros preceitos da honestidade e moralidade.

Anthony Trollope, escriptor e viajante consciencioso, descreve do modo seguinte o processo original que um boer, chegado á idade adulta, põe em pratica para encontrar uma noiva. Começa por fazer uma relação de todas as raparigas boers das proximidades, monta a cavallo e



Uma rua de Johannesburg



Uma avenida de Pretoria

começa a sua excursão amorosa, levando consigo uma provisão de caixas de ameixas e de velas de cêra. Chegando à habitação de uma das donzellas inscriptas, oferece à mãe uma caixa de ameixas e à filha uma das velas, linguagem symbolica que ambas immediatamente comprehendem: as ameixas são sempre aceitas, não succedendo o mesmo à vella que é por vezes recusada, restando, n'este caso, ao boer o unico recurso de... ir bater a outra porta. Se porém é aceita, é immediatamente accesa, e a mãe retira-se depois de haver lhe espetado um alfinete a uma ou duas pollegadas da chamma, regulando assim, com esta ampulheta de nova especie, a duração do primeiro entretenimento dos namorados n'uma relativa liberdade. Diz Trollope que estes conseguem prolongar, sem desobediencia, o entretenimento, lançando sobre a chamma alguns grãos de sal que a fazem crepitar impedindo que a vella se consuma demasiado depressa até à altura do alfinete.

E bem possivel que ainda hoje se encontre a pratica de tal costume, no menos, nas *forma* mais afastadas da região que o progresso invadiu. Finalmente, o boer é hospitaleiro, não sendo a sua hospitalidade como a que tão franca e atrahentemente é dispensada pelos habitantes de algumas provincias do nosso paiz, nem tão pouco como a exercida em Africa por alguns colonos que repletam ostensivamente a offerta de qualquer recompensa, pela alimentação ou alojamento dispensado directamente ao viajante, achando contudo meio de compensar com usura estes serviços pelo elevado preço por que lhe vendem a forragem para os seus cavallos. A hospitalidade do boer, não isenta de um fim interesseiro, é reservada e talvez um pouco rude como o seu caracter, o que se não oppõe a que o viajante, em quanto a utilisa e d'ella se conserva digno, seja considerado como fazendo parte da familia a cujo auxilio recorre.

O presidente Kruger é o que se denomina, um *character*. Pouco illustrado mas extremamente intelligente, tem sabido empanhar com destreza o leme da governação atravez os mares pericellosos da politica sul africana. Modesto no seu viver, a sua casa em Pretoria apenas se distingue da de qualquer outro cidadão por haver uma sentinella à porta de entrada. Extremamente madrugador, qualquer pode vê-lo, nas pri-

meiras horas do dia, sentado na varanda exterior onde recebe, sem etiqueta alguma, os boers que tem um pedido ou uma representação a fazer lhe. Ouve todos mas não toma o compromisso de responder a nenhum, do que não deve concluir se que não tenha escutado com toda a attenção o que se lhe disse e que não resolva depois acerca dos variados assumptos expostos a sua consideração. Gostando das discussões theologicas, é Kruger quem muitas vezes faz predicas n'uma igreja calvinista fronteira à sua casa. Kruger é finalmente para os boers o «Om Paul» que, apesar da sua elevada categoria, não recusa nunca prestar lhe serviço nos actos mais usuas da vida. N'uma das suas conferencias feitas, ha annos, na Sociedade de Geographia de Lisbon, contou o sr. engenheiro Joaquim Machado que, saindo um dia o presidente da secretaria do governo, em Pretoria, para sua casa, viu na rua um rapaz muito embaraçado para metter a caminho os bois de uma carreta que se haviam baralhado; não hesitou um instante; subiu à carreta, empanhou o chicote e, fallando aos bois com a costumada accentuação, pôz habilmente tudo em ordem e em marcha n'um momento. Entregou depois o serviço ao rapaz que, achando naturalissimo o acto do presidente Kruger, se limitou a dizer lhe — Obrigado, tio —.

Lisboa, outubro de 1899.

ANTONIO JOSÉ ABATJO.



A praça do Mercado em Johannesburg

RIO DE JANEIRO



Hospital da Misericórdia



LEQUE DA ANDALUZA

I

Era um leque precioso e raro de setim
De não vulgar primor. Varetas de marfim.

No eburneo rendilhado exóticas figuras
De monstros colossaes em breves miniaturas.

Trahia a mão paciente e habil d'um chinês
O apurado lavor de estranha nitidez.

No panno desenhara algum pincel glorioso
Num minuscuro quadro um grupo delicioso.

— Uma scena de amor. Num castello qualquer
Um cavalleiro moço aos pés d'uma mulher.

A castellã sorri... O labio zombeteiro
Replica, sem falar, ao moço cavalleiro.

O sorriso responde à ardente confissão
— Duro, frio, glacial como a desillusão...

II

Nos dedos da andaluza o leque febrilmente
Corria, sem cessar, inquieto, impaciente...

Pepe, junto a seus pés, com recrescido ardor,
De novo lhe jurava o seu immenso amor.

Era o sonho feliz da sua vida inteira,
A sua paixão fatal, a sua paixão primeira.

Como unica resposta, a andaluza gentil
Sorria com desdem, entre vaidosa e hostil.

E ao vel-o terminar, com intenção secreta
Cerrando o leque foi, vareta por vareta,

Até só lhe mostrar — na bocca de romã
Um sorriso cruel, sarcástico e mordente —
As illusões tirando ao cavalleiro ardente,
Soberba e desdenhosa, a esbelta castellã...

o velho amigo

Ao Dr. Carlos de Lemos

A MISÉRIA baterá á nossa porta. Assim o compreendi n'essa tórva e lugubre manhã de inverno quando ao despertar encarei com o desolador aspecto da nossa mansarda. Nunca me parecera tão profundamente triste a desgarrada moradia. Uma restea de sol como que doira os objectos que nos cercam. Essa luminosa carícia empresta alegria ao mais sordido aspecto. Eu accordava d'um sonho delicioso e a violenta commoção que a triste realidade me fizera experimentar, profundamente sensibilisára o meu coração, dorido pela crudelissima evidencia.

Impetiosa, a chuva fustigava o telhado e, das goteiras, uma caudalosa torrente ia cahir em catadupa á rua, produzindo na calçada um ruído estranho que causava arrepios.

Tentei novamente conciliar o somno e cerrei os olhos. Quiz regressar ao meu sonho, reconstituir de prompto e sem custo essa encantadora illusão que me embalara momentos antes. Accordára precisamente quando sobre o teclado do meu velho piano, dois graciosos gnomos esboçavam lídicos os primeiros passos d'um minutinho complicado.

Como que vibrados por amestrada e mysteriosa mão, todas as cordas do meu velho Astór entoavam uma doce melodia allemã. Os gnomos sorriam encantados e saltitantes no teclado, iam e vinham, acompanhando o rythmo da melodia, agora em languidos requie-bros, logo avançando céleres á medida que a musica por igual se animava em triumphal crescendo.

Bom Deus! Apegada a lugubre impressão do meu despertar para a triste realidade, prestes rantei o meu interrompido somno, dan-savam ainda sobre o marfinsio teclado os gnomos incansáveis, vibrava ainda a estranha melodia; mas, de subito como um roseo dilúvio, sobre aquellas figurinhas minusculas, petalas vermêllhas e perfumadas cahiram incessantemente, subvertendo-as. Accorded de novo; junto ao meu leito algium soluçava. Com um movimento brusco ergui-me e os meus olhos encontraram então o olhar angustiado da minha mãe, presa, n'esse momento d'uma profunda commoção dilacerante. A meio do quarto a figura angulosa do adelleiro Thiago, punha no triste conjuncto uma repelente mancha. O homensinho ageitando a espaços o seu barrê de seda, perorava.

— Mas emfim, minha rica, eu não vim aqui para choradeiras! Quer, quer, não quer, adessinho e ficamos amigos como d'antes, entenda?...

Redobrára em minha mãe o choro convulsivo. Então desliese sem ruído do leito e a tritar sob o leve vestido que mal me resguardava, fui encostar-me aos seus joelhos acariando-a. O adelleiro Thiago, com grande desperdício de gesticulação, continuou: — Os tempos, minha rica, vão máus. Aqui aonde me vê, com todas as minhas famas de homem abnohido, nunca posso colher quantia que se vêja! A doença de minha filha... o seu enteiro... fiquei arrebbado, afinal!

Fez uma pausa; depois proseguia:

— Afinal, como não sou mais homem sempre encontro ao canto do mealheiro um recurso para os amigos...

Proferindo as ultimas palavras o adelleiro Thiago sentára-se no velho *fautuil* forrado a *reps* verde, testemuhna ultima da nossa passada grandeza; e refastelado, cruzando sobre o ventre enorme as mãos apudás, começou a inventariar como o olhar inquieto o que havia ainda no aposento.

— Em summa, a senhora resolverá. Disse-me ha pouco que precisava absolutamente de quatro libras... Não é pequena a quantia, mas, sempre se lhe fará a diligencia... Ora vamos a ver, minha rica; a senhora sempre hade ter por ahí alguma cousa que valha... Teve uma risadinha impertinente; e o seu olhar continuava a investigar, minucioso, passava de um para outro movel, demorava-se aqui e acolá como que na avaliação de objectos determinados.

Minha mãe seguia attenta este inventario suspeito. De repente, o seu olhar embalsado pelas lagrimas, fixou-se obstinadamente nos meus olhos. Eu estava aterrada, adivinhara n'um relance a situação, percebera o que havia de tragico n'aquelle olhar angustiado, e seguindo, tambem ansiosa, o manejo do agiota, soffria cruelmente a saudade anticipada do que esse homem nos levaria em troca do seu depressivo dinheiro. Porque afinal, quantas recordações nos prendiam a cada um d'esses objectos, quantas recordações!...

O Thiago levantara-se e, pausado, avançava agora para o extremo do aposento. Experimentando então uma subita oppressão, intraduzível. Minha mãe comprehendeu logo essa angustia. Mansamente o Thiago possuava a garra adunca sobre o piano e, abrindo-o com infinitas cautellas, corria o teclado em barbara experiencia. Como

um protesto do meu velho Astór ergueu-se uma estranha vibração, um conjuncto de sons que dava a impressão d'um temeroso rugido a terminar em queixumes plangentes.

Estremei; cerrei os olhos, sentindo então os braços esquelidos de minha mãe apertarem-me ainda mais e o seu choro convulsivo redobrar de intensidade.

Terminando a inspeção o adelleiro voltara ao *fautuil*. Então, de-cidido, affectando uma grande despreocupação, exclamou: — Pois, filha; em boa verdade, não vejo cousa que dê garantia ao meu dinheiro.

Fez uma pausa. Eu senti uma contração brusca, um arpejo enorme tendo a percepção immediata de que o tigre se agachára para armar o salto. Effectivamente o Thiago proseguiu logo, pe-sando bem cada uma de suas palavras:

— Ora agora, temos ahí o piano... Ainda que elle está uma lastima! É de bom tempo... Mas, para lhe ser agradável, minha rica, sempre lhe darei sobre esse tropego velhote... dez mil réis. Fica assim pensando a cobre!...

E escancara a bocca n'um riso ignobil, satisfeito da faccia. Mas a minha mãe tremendo d'uma indignação mal disfarçada exclamava já, em absoluto decidida a repudiá a offerta.

— É inútil prolongar mais a conversa sobre este assumpto. Não pretendo empenhar o piano que é o velho amigo da minha Emma. Não quero separar-os, nem que tenha de esmolá!

— E então dez mil réis! É pouco generoso zombar da minha agonia!

— Zombar, isso agora é forte! protestava o Thiago embaraçado. E esta! Pois senhores, o que a gente ouve! Então o que pode valer esse estafado instrumento batido dos ensaios musicos de duas gerações... pelo menos!...

— Vamos, seja razoavel... implorou minha mãe. Veja se encontra ahí qualquer coisa que lhe sirva e acabemos com isto!

— Que lhe sirva!... que lhe sirva!... resmungou o adelleiro amofinado com a recusa.

Foi então que eu desci subtilmente dos joelhos de minha mãe e, obedecendo a um movimento que ainda hoje não logro explicar, avancei para o piano, abri-o e os meus dedos deslizaram mansamente como uma doce caricia no teclado, como que a compensa-o das asperzas da experiencia recente. Esqueci o Thiago, não ouvi os soluços mal reprimidos de minha mãe angustia-da; e como n'um sonho, alheada em absoluto do que me cercava, preludiei a melo-dia allemã que tão suavemente embalara o meu somno uma hora antes. La jurar até que via sobre as marfinesas telas, acariciando-me os dedos, esboçando passos complicados, os graciosos gnomos, — ora em languidos requie-bros, ora avançando céleres á medida que a musica por igual ia marcando um triumphal crescendo!...

Quanto tempo durou esse estranho devaneio? Não sei. Quando os meus dedos fatigados deixaram de arrancar o velho piano de Astór os seus sons vibrantes, notei que alguma coisa se havia modificado em torno. Junto do piano, transfigurado, um sorriso interrompido a brincar nos labios grossos, os olhos brilhantes, toda a physionomia resplandecente de uma intima satisfação, o Thiago bamboleava-se, como que a marcar o compasso de uma musica mysteriosa. Minha mãe já não chorava, antes o seu rosto exprimia uma doce beatitude. Então, deu-se este incidente inesperado: o adelleiro como que accordando bruscamente, suspirou, foi tamboriar nos vidros da janella e de subito, voltando ao meio do aposento, tirou da algibeira a sua carteira volumosa e contando lentamente algumas notas de banco, entregou-as a minha mãe estupefacta. Depois, muito simplesmente, disse:

— Ora ahí está o que precisa... Quanto ao penhor... que de monio! Emprestarei sob palavra!

E como a minha mãe, cada vez mais admirada, fosse a interro-gal-o, o Thiago concluiu:

— Sim, não é costume... Uma vez é a primeira.

Já no limiar da porta, sem attender aos agradecidos protestos de minha mãe, o adelleiro deteve-se um momento e interpellando pela primeira vez, disse:

— Olha lá, pequena, como é então esse bocadinho...

E tratavausa uns compassos na sua voz roufenha. Em seguida explicou:

— Tocava muito isso a minha filha, sabes?

Commoveu-se inesperadamente e sahii precipitado.

Comprehendemos tudo: uma recordação saudosa originára aquella inesperada acção caritativa, tocando piedosamente o cor-ação do velho adelleiro.

Vianna do Castello 1879

LUIZ TRIGUEIROS.



Entrada da Barra de Pernambuco



A RETIRADA DE GUERRITA



CAUSOU enorme surpresa no mundo tauarino a inesperada retirada do eminente toireiro

Rafael Guerra (*Guerrita*), que abandonou a sua lucrativa carreira apenas com 37 annos de idade, ainda cheio de vigor e na plena posse de todas as suas exuberantes faculdades.

A impressão occasionada por esta noticia entre os amigos e admiradores do a' amado *diestro* foi grande, e fez-se sentir em todas as localidades onde aquelle colosso do toirico tinha evidenciado as suas multiplicas qualidades de lidador previligiado.

Rafael Guerra tinha um estylo e forma especial de toireiro e uma maneira muito sua de dominar as rezes, — usando de certos ardis que, na maioria dos casos, a arte rigorosa e inconfundivel desculpa e admittie porque o emprego de taes meios evita sempre o perigo immediato para o *diestro*.

O matador de que nos occupamos era chamado para todas as praças da Hespanha, França e Portugal e toirava nas corridas que des-java, arreadando grossos cabedanos, o que lhe permite possuir hoje uma avultadissima fortuna que se calcula em mais de oitocentos contos de réis.

Basta dizer-se que até 15 d'outubro, data em que toirou na sua ultima corrida em Zaragoza, apresentou-se em 887 corridas, nas quaes matou 2.333 cornupestos que, com os 114 que estoqueou antes de receber a alternativa de matador de toiros, sommam o importante numero de 2447. Só no corrente anno lidou rezes bravas em 82 corridas com outros *diestros* dos mais afamados, e no anno de 1890, a 19 de maio, realizou um *record tauarino* originalissimo, em que, toirando ás 9 horas da manhã em San Fernando, ás 11 em Jerez de la Frontera e ás 5 da tarde em Sevilla, ganhou a bagatella de nove mil duros ou sejam nove contos de réis approximadamente, despachando nove toiros.

E' claro que a sua preponderancia era grande em todos os meios e maior ainda a sua ascendencia sobre os empresarios a quem, segundo se diz, valendo-se do seu incontestavel valor impoza certas condições nos contractos, a que os mesmos se submettiam humilmente. D'isto resultou para Guerra o formar-se uma atmosphera de odios que mais se expandiu em Madrid, mormente na imprensa d'aquelle capital, que analysava o trabalho de *Guerrita* sempre com grandes reservas e sem a benevolencia de que usava para com outros *diestros* de categoria superior á de Rafael Guerra.

Este matador que percebia bem que na capital do seu paiz não era bem visto, fugia o mais que podia a toirear na praça da Côte, e tanto que em 1896, realisando-se ali uma corrida em beneficio dos naufragos do cruzador *Reina Regente, Guerrita*, em telegramma que fez ao Conde de Penlver, então governador civil do districto, participou que não podia n'aquelle anno toirar em Madrid. Os madrileños que dois annos antes, ao circulararem os boatos da retirada de *Guerrita* por causa da morte desastrosa de Manoel Garcia (*Espartaco*), estavam acirrad's contra aquelle matador, proromperam em invectivas contra elle chamando-o ingrato, porque tinha sido na praça da Côte que se tornara conhecido, desde que ali se apresentou pela primeira vez em 24 de setembro de 1882 bandarilhando o toiro *Picudo* de D. Anastasio Martin, como peço do fallecido matador Fernando Gomes (*Gallico-Chico*).

Rafael Guerra quiz depois desfazer a excitacao resultante da sua imprudente recusa, e em parte atenuou-a com o donativo que fez de cinco mil pesetas (um conto de réis) para engrassar o producto do espectáculo, apresentando ao mesmo tempo as suas desculpas pelos termos em que o seu secretario tinha feito o referido telegramma.

Os seus detractores e inimigos, que são muitos, não deixaram emtanto de aggre'dir o eminente *diestro*, negando-lhe todas as brillantes qualidades que possuia como matador emerito e toireiro consummado.

De novo teve Rafael Guerra convite para ir a Madrid estoquear dois toiros na corrida que ali se deu em 17 d'outubro do citado anno de 1896, a beneficio dos feridos da guerra de Cuba, com o concurso incondicional dos matadores *Lagartijilla*, *Fuentes* e *Bonibia*, e então o inclito matador, accedendo ao amavel convite que lhe foi feito, apresentou-se perante um publico hostil e já de ha muito prevenido contra elle, pois que o olhavam como ingrato, pouco formal, avarento e soberbo.

Todavia as suas *faenas* foram primorosas e os applausos que ouviu pelo dizer-se e que sacou a pulso, fazendo alardes de mestria, elegancia e intelligencia.

Um ou dois annos depois correram novos boatos da proxima retirada do Kalifa do toireio e então, como em 1894, Guerra foi alvo de longas tiradas e extensos artigos publicados nos jornaes profanos e da especialidade, em que o ridiculizavam dizendo os seus contrarios que estando joven e na plenitude das suas faculdades, preferia os gozos do lar domestico ao estrondo dos applausos e acclamações, e as commodidades de uma vida sedentaria á gloria que a fama havia de conceder-lhe na sua arte.

Estes e muitos outros comm'ntarios se fizeram em toda a Hespanha, e tanto repercutiram que um escriptor tauarino, por certo muito distincto, conseguiu convencer *Guerrita* dizendo-lhe que o artista quando attinge uma certa posição e toma o logar que elle occupava, deixa de pertencer a si proprio e á sua familia para ser propriedade unica e ex-lusiva do publico que o admira.

Não podemos garantir a veracidade d'este facto, mas o que é certo é que Rafael Guerra tomou ao exercicio activo da sua rendosa profissão nas praças da provincia e de estrangeiro, eximindo-se sempre a toirear em Madrid onde tivera inicio a sua fama de lidador de rezes brava e onde depois encontrara a causa de tantos dissabores e desgostos.

Como se vê a retirada de *Guerrita* da arte tauromachica, já estava premeditada, aguardando só o distincto epodio o momento mais opportuno em que a podia pôr em pratica, sem que ninguém o podesse impedir do seu condemnavel intento.

Quando um toireiro da importancia e renome de Guerra se desloca do numero dos que estão em actividade, é de sua fazer-lhe um como que necrologio, porque o *diestro* que se retira desaparece da scena e não torna a ser visto.

Julgamos portanto opportuna a publicação d'umas ligeiras notas sobre a biographia do desaparecido de hontem, que alem de curiosas nos parecem necessarias.

Rafael Bejarano Guerra, (*Guerrita*) nasceu no dia 6 de março de 1862 no bairro da Mercè (Cordoba), sendo seus paes José e Juana, modestos industriaes, proprietarios d'uma fabrica de cortumes.

Dias depois foi baptisado na egreja de Santa Marina, apadrinhado por seu avô materno Mariano Bejarano, em substituição do matador José Rodriguez, (*Pepete*), fallecido dias antes (1) e pela esposa de Rafael Bejarano.

Em 1874 foi José Guerra nomeado porteiro do matadouro de Cordoba, e desde essa epoca se pôde assegurar que principiou a vocação tauromachica de seu filho.

Numa das noites do mez de julho, depois do banho que estava costumado a tomar nos tanques do estabelecimento, começou toirando com a camisa dos bezeros de D. Rafael Maria Barbero que ali estavam para matar.

Desde então, sempre acompanhado do seu inseparavel amigo Rafael Rodriguez (*Mojino*), que depois foi seu bandarilheiro, continuou toirando quantas rezes eram destinadas ao consumo publico.

José Guerra não deixava de o castigar por não desmarcava *oficion* mas Rafael de nada se importava e, nas noites de luar, saltava com outros rapazes da sua idade os muros do matadouro e lidava as rezes que lá se encontravam.

N'um certo dia, cous'ando-lhe que estava para ser abatido um novillo *utero* (2) falou a um aprendiz de picador chamado *California*, para que o acompanhasse ao curral e ali, montando o n'um couro secco e armando-o de um pau, como se fora a vara larga, soltou-lhe o citado novillo.

O novel amador passava o touro de fora, levava-o atraz do capote e collocava-o em sorte para o picador; o animal investia, recebia a vara no eschaco, atirava com tudo a terra e Guerra entrava ao quite enquanto *California* se preparava para nova sorte, ou para melhor dizer para novo tombo.

Como não podia deixar de ser, o ruido que isto causava era grande e



Rafael Guerra (*Guerrita*)

(1) José Rodriguez, (*Pepete*) falleceu no dia 20 de abril de 1869 na praça de Madrid, em virtude d'uma certa curruada no coração que lhe propinou o touro *Jocinero* da ganaderia andaluza de Mirra.
(2) *Uttero*: touro cuja idade não excede a tres annos e meio.

o pae do nosso heroe percebendo-o interveio corrigindo severamente os procees lidadores.

Em 1876, desprezando a vontade dos seus prozinetores, estreou-se Rafael em Andajar encorporado na quadrilha de *siños cordobeses*, sob a direcção de Francisco Rodriguez (*Caniqui*).

Toiroteou depois em cutras novilladas e quando regressou a casa, os



Cidade de Pineda Vieja.

Um adorno de Guerrita

paes aconselharam-no a dedicar-se de novo ao seu officio de curtidor, menos recondo decerto mas muito mais seguro e de menos exposição e perigo.

No entanto *Pollo* e *Caniqui*, antigos *diestros*, e o aficionado D. Thomas Conde y Luque, amigos do pae de Guerrita, não cessaram de lhe insinuar no espirito as vantagens que poderiam advir a seu filho, se o deixasse seguir a carreira tauromachica.

Por fim obtiveram o que queriam e Guerrita menor, que então usava o apodo de *Llaverio*, toiroteou durante o anno de 1878 em 12 novilladas.

Em agosto d'esse anno, na praça de Alcoy, matou o seu primeiro toiro com uma unica estocada de effeito fulminante. Tinha o novel *diestro* 16 annos de idade e de então até ao celebre dia 15 de outubro, em que desertou das hostes tauromachicas, a romaria que fez pelas praças de toda a Hespanha e França e pelas principaes de Portugal, foi ininterrupta, como ininterruptas foram as ovações que recebeu.

Na lide dos 2447 toiros que matou, foi colhido muito poucas vezes, sendo os ferimentos mais importantes os que recebeu nas seguintes praças:

Em 30 de novembro de 1887 na Havana (Cuba).

Em 1 de janeiro de 1888, na mesma praça, recebeu uma cornada no lado direito do pescoço que lhe poz a descoberto a arteria jugular.

Em 24 de junho de 1890 em Jerez, soffreu uma ferida gravissima na região igual direita; e em 7 de setembro de 1893 em Murcia, recebeu um *puñalao* no angulo do maxillar que poz a sua vida em grave risco.

E', como se póde apreciar, um numero relativamente pequeno de desastres para quem tanto expoz a vida ante as acerteras hastes dos muitos corruptos que toiroteou.

Tambem é justo notarmos outra vez que *Guerrita*, com o seu methodo especial de toiro, as suas poderosissimas e inextinguíveis faculdades, e a sua desenvolvida musculatura podia ter o exercicio continuado da sua arriçada profissão, sem receio de uma collida a não ser por descuido.

Ao analysarmos esta questão temos feito mil supposições, mas nenhuma nos satisfaz, porque nenhuma tambem assenta em bases solidas para ser tomada como mais verdadeira.

No entretanto, ha dois factos que é forçoso serem postos em relevo, e que nos parece dão a solução d'este problema quasi indecifrável: *As causas da retirada de Guerrita*.

D'estes dois factos, que nos habilitam a supprõ sejam os motivos principaes da fuga de Rafael das fileiras tauromachicas, um tem origem no seguinte:

Na tal corrida de 15 de outubro, em Zaragoza, *Guerrita* alternava com o seu collega José Garcia (Algabeño), que é tambem um astro de primeira grandieza, e Nicanor Villa (Villita), competindo todos amigavelmente na lide das 6 rezas de D. Jorge Diaz.

Guerrita matou o 1.º touro d'aquella tarde e foi applaudido; Nicanor Villa estoqueou o 2.º com felicidade, e como era da terra fizeram-lhe maiores demonstrações de agrado do que ao primeiro matador, succedendo o mesmo a *Algabeño* que despaçou o 3.º

Quem sabe se *Guerrita*, vendo as desconsiderações de que era alvo, resolveu all de prompto levar por diante o seu já acariado intento de abandonar o toiro?

O que é certo é que o cordovez ao brindar a um espectador a morte do 4.º e ultimo corrupto que lhe competia, disse:

— Brindo a si. el ultimo toro que mato.

Isto, cu demonstra premeditação ou então uma resolução immediata tomada repentinamente por se ter sentido ferido no seu indomavel orgulho. E se assim foi, Rafael antes de soffrer em Cordoba o corte da coleta feito por sua esposa, tinha já sentido em Zaragoza o effluvio moral d'aquelle distinctivo da sua profissão, com a attitudde do publico da heroica cidade. O ex-matador, tendo a consciencia do seu valor e sentindo-se talvez com o espirito abatido por tantas injustiças por parte dos aficionados, delibieron aproveitar o primeiro ensejo que se lhe offercesse para desaparecer e, forçado ou não, recolheu-se ao seio da familia, muito contente e satisfeito de não ter encontrado no *redondel* senão uns pequenos precalços do seu rude officio.

O outro facto a que desjuamos fazer referencia, que é muito ditendido em Madrid e quasi completamente desconhecido fora d'aquelle meio, cifra-se no seguinte:

Rafael Guerra quiz ser, e foi, não cessamos de o repetir, um toiroiro excepcional executando com perfeição todas as sortes conhecidas e até mesmo levou a effeito alguma vez rico e conseguiu-o, ficando riquissimo em pouco tempo; e por fim resolveu não toirar nunca com outro matador de toiros por diante de si e realisa o seu intento.

Ora isto não podia ser, porque os matadores com alternativa tomada anteriormente, olhando no seu bom nome, não estavam para perdir a sua antiguidade em favor d'um collega cujos sentimentos nunca seriam de reconhecimento por aquelle que se sacrificasse em seu favor. Além d'isso, o unico *diestro* que actualmente existia n'essas condições, D. Luiz Mazzantini, nem por sombras admitiria que outro matador mais moderno lhe fosse propro a perda de antiguidade, e por isso *Guerrita* tomou um expediente muito seguro aliás, mas tambem muito pouco sério, o qual foi o de recusar todos os contractos para corridas em que figurasse tambem no cartaz o nome do não menos celebre e artistico matador de toiros D. Luiz Mazzantini e Egua. As empresas, n'este caso, davam sempre a preferencia a *Guerrita*, do que resultou, na epoca agora finda, um enorme prejuizo para D. Luiz, que toiroteou 10 em vinte e tantas corridas. Porém, como Mazzantini não é homem que deixe passar em claro qualquer offensa que lhe façam, consta que fez sentir ao seu collega a indignidade do seu proceder e, ainda mais, ameaçou-o de lhe corrigir com severidade o seu orgulho e picardia.

O mesmo fizeram os *diestros* da sua quadrilha, no numero dos quaes se encontram seu irmão Thomaz Mazzantini e Regatero, que, em conversas com os seus collegas da quadrilha de Guerra, se mostraram hostis a este matador.



Guerrita decapellando um toiro

É de supprõ, portanto, que o antigo *Llaverio*, deixando alguma repressalia dos amigos e admiradores de D. Luiz, se retirasse sem dar nas vistas afim de evitar algum desgosto e, sendo assim, não se póde dizer que o mestre se despedia da arte antes que ella se despedisse d'elle.



A mãe, a mulher e os filhos de Guerrita

Sarah Bernhardt



Um litterato francez, occupando-se deitadamente de Sarah Bernhardt, hesitou em chamar-lhe Nossa Senhora — de qualquer invocação. E' Nossa Senhora da Poesia — e assim fiquemos, sem agravo da orthodoxia, pois que é tambem a Arte uma religião.

Eu tenho aqui defronte da minha banca de trabalho o seu retrato, um encanto photographico, um grande encanto, que ella me offereceu, e quêdo-me uma vez e outra, de olhar fixo e coração parado, a contemplar-o, e ouvindo-me dizer: — Nossa Senhora!... Nossa Senhora da Poesia!

Que prodigiosa manifestação de bondade summa e de summa grandeza e de summa originalidade do Creator não é esta Sarah Bernhardt — Nossa Senhora — Minha adorada Senhora e meu tremendo idolo deslumbrante! (Que assombro o Creator de Universos, que assim a fez, depois de havel-os feito!

Dizem os nossos campones que, se o lobo nos vê algures, antes que o vejamos, os cabelos se nos eriçam. Que analogia pode haver, que afinidade existirá, entre a fera — que surge antes que os campones a vejam — e Nossa Senhora da Poesia — que no theatro me dá nitidamente essa impressão contada pelos simples? Porque é assim como lires digo: o panno sobe, varios artistas estão em scena, ou entram ou saem d'ella; eu, distraído, afastado do palco a minha vista; subitamente os cabellos eriçam-se-me, congela-se-me o sangue, olho e — tremendo e mysterioso encanto! — vejo-a a dominar o palco, a sala, o infinito: essa creação espantosa que é a obra prima do Creator de Universos, que assim a fez, depois de havel-os feito!

Naturalmente me impõe algum leitor divagações, revelações criticas acerca da interprete de todos os Theatros — da artista-prodigio que nos deu, a nós e a todo o mundo intelligente, a expressão absoluta do doloroso e do terrivel, do ironico e do macabro: do soffrimento, da candura, da abnegação, da perversidade e do sacrificio... Que dizer-lhe, sem vincular o meu espirito á facil compilação de opiniões e admirações feitas? Abi a temos agora, precedida pelos êchos do Assombro, a contas com a creação magna de Shakspeare: que nos dará a Sarah? — O Hamlet subordinado á intervenção de Charcot, ou a mais simples, mais logica, mais inexoravelmente logica das creações shakspeareanas? Como quer que seja, o Hamlet de Sarah Bernhardt será obra sua — como ella é do Creator a obra-prima, a Nossa Senhora da Poesia, tão incomparavel que o mesmo é pretender attingil-a em rivalidade artistica e resvalar ao ridiculo immortal!

Melhor será que, humildemente, chamente, eu diga um episodio da minha apresentação de devoto á Padroeira da Arte, quando ha tres annos abi a vimos e, tantissimos, a adoramos no theatro de S. Carlos. Eu fui admitido á sala onde Sarah Bernhardt conversava com uma numerosa companhia. Todos se levantaram e ao silencio se remetteram. Eu inclinei-me profundamente, diante d'ella, e depois fiquei-me a contemplar-a, sem vêr alguém mais, — a contemplar-a, como um selvagem, e reconhecendo que o estava sendo, e sentindo-me feliz pela minha selvageria.

Já lá vão tres annos, e por vezes me recordo, cheio de confusão. Mas, de quem era a culpa, o meus bons amigos!?

Foi justamente n'essa entrevista inolvidavel que eu ouvi pela primeira vez falar de Theatro, com uma elevação que raras vezes, só tenho visto em livros de Superiores. O que ella sabe, e como, independente do dogma e da disciplina, estabelece, para a sua obra e para

o assombro de todos, uma critica absolutamente sua! Não é apenas o genio mais extraordinario que tem divinizado a Arte Scenica: é a intelligencia mais pertinaz, minuciosa, maleavel, investigadora e inconducente que eu tinha suspeitado ao possivel.

Perguntou-me se fóra representado Ibsen, em Portugal. Respondi-lhe afirmativamente. E ella:

- Agradon?
- Em geral, não.
- E ao senhor?
- Não me agradou.
- E porque?

Tive de dizer o porque. Sublime *enfant terrible!* E se eu não dispuzesse do porque, e apenas, por vulgar adulação, houvesse desdenhado do outro? Compreendi então que a mulher bondosa, *bon enfant*, que põe á son aise um pobre desconhecido e que pode tornar-se-lhe affectuosa, será capaz de maltratar o mais illustre dos interlocutores, dado que o surprenda em má-fé artistica. Devem ser assim as rigidissimas regras na *Requiem dos Iguales* do grande Hugo.

Houve um momento em que, olhando-me fixamente, com um mixto de interesse pelo assumpto e de temor por mim, me perguntou: — Francamente, qual é o papel, de todo o meu repertorio, em que prefere vêr-me?

E eu, irresistivelmente:

— Na *Margariida Gauthier*.

Oh! a infantil expansão, alegre e radiante, da sublime artista! — «Pois não é verdade?... Como estamos de accordo!... E como o senhor tem razão!» Arbitraria, não é assim? *Tem razão!*, absolutamente, quem estiver d'accordo com ella: é a segurança da omnipotencia!

Perguntei-lhe se não nos dava o theatro de Hugo: por exemplo...

— Por exemplo?

— A *Marion*.

— Não. Na *Marion Delorme* o principal papel é o de Didier. Portanto... Além d'isso, o theatro de Hugo é uma campanha litteraria: — Classicos visados pelos Romanticos; teve a sua hora, e eu prefiro a *peça* que é para todos os tempos: a nossa *Duma das Camelias*, por exemplo.

Pedi-lhe, baixando a voz, um grande favor. — «Diga! Mas diga!» E eu, hesitando: — «Talvez demasiado!» — «Mas diga!» — «E' um retrato seu, pequenino; assim...»

— Não! Não lhe darei um retratinho. Hei de dar-lhe um grande retrato — de amigos!

Mandou-m'o um anno depois, no seu regresso dos Estados-Unidos, onde o tirou.

Estava elle no Porto, quando eu tive noticia da morte de Alexandre Dumas. Enviei-lh'a, pelo telegrapho, com os meus pesames. Como aquelle Mestre foi estimado por ella, e como ella soffreu da morte d'elle!

Um dos nossos homens eminentes que a adorava: Sousa Martins. Nunca me fallou d'ella, sem se mostrar *succumbido*. — «Esta mulher é um abuso do Creator!» dizia me elle, ao regressarmos da *gare*, aonde fomos despedir-nos d'ella. A' minha vista, depois de ouvir uma *tirada* brilhante e um tanto paradoxal de Sousa Martins, disse-lhe Sarah Bernhardt:

— O sr. professor é outro Julio Verne.

— Como phantasia?!?

— Não: como propheta. Eu creio que Julio Verne prevô: não phantasia...

Perguntei lhe da ultima vez que a vi — se tornaríamos a vê-la. Pareceu-me calcular, hesitando, tempo disponivel, combinação de planos, e respondeu-me: — «Talvez não volte.» (Que de sacrificios eu faria, se não tivéssemos aqui, agora, para ir vê-la a Paris — no proximo anno, em comboio barato, como é licito a simples trabalhadores! E como eu agradeço ao bom Destino, que me permite vê-la aqui em nossa casa, — ali perto do nosso Tejo, a confraternisar com o nosso Sol — uma das creações suas rivaes, e, todavia, menos poetica, infinitamente menos poetica do que ella — a Nossa Senhora da Poesia!...



Sarah Bernhardt em 1863

Quando debutou

SARAH BERNHARDT



Nos seus trinta e sete annos de theatro, que tantos são os da vida artistica de Sarah Bernhardt, tem esta feitura de plateas janotas, seis ou sete de mazorra obscuridade.

E n'esse lapso, nenhum critico lhe viu acaso chispar do olhar já penetrante a falla tragica que a faria sagrar um dia deusa, e nenhum sabio viu boiar na suavidade de tal mirada o primeiro arripio do grande vendaval que lhe agitaria a grande vida. Quisá porque o jornalismo d'então, fosse o pae (com manhas quejandas) do d'agora, e a actriz não se soubesse apadriñar como convinha.

São pois sete annos d'um arrastar modesto de grilheta... as estreias classicas... sete peças representadas sem destaque de maior, e só logrando referencias das chamadas de amabilidade, e que melhor seria apellidar de referencias de consolação... aos domicilios!

O proprio tio Sarcey assim que a vê (1862) entra a scismar porque não se chamará Bernard... *Plus simplement...* em vez de Bernhardt... acha-lhe a testa bella, a dicção nitida... *et c'est tout qu'on en peut dire pour le moment.* Até que, *insperadamente,* rompe-se a nuvem que envolve essa princeza encantada.

E o delirio começa. Foi no *Passant* em 1869 o seu primeiro successo. E desde então essa magra, n'uma tormenta d'arte e de doença, n'uma rajada inebriante d'illusão, vem fazendo... ou melhor... desfazendo, as peças que lhe apraz representar, quando essas peças não são feitas só p'ra ella.

Torna-se rainha, torna-se despota. E' uma insubmissa e é uma insolente. Tem amores de leão e caprichos d'hysterica. Um immenso desdem por tudo, um immenso desdem por todos. Adapta-se uma maneira sua de trajar, doura os cabellos, enreda-os a seu talante, de forma a esfumarem-lhe n'um ceu de pente a sua cabecita diaphana. Exhibe com descaro impudico o seu esqueleto de figurinha romantica.

Já então George Sand a comparou a uma *madona*; Bastien Lepage a retratou de tística.

A America para bem a definir tinha-lhe chamado *uma grande mulher*... e via-a Deusa em qualquer gesto seu: se levantava o braço, se engurgitava o collo branco, se se callava, ou se cantava feiticiramente o seu papel.

Que de tudo isso essa dominadora tem. A opinião americana não é paradoxal. Porque como subtil mulher que é, essa Deusa é falsa a ponto de se arranjar uma formosura que não tem e congegar empolgantemente encantar só quando illude.

Abre desmesuradamente os olhos lindos. Faz cantar desmesuradamente a voz lindissima. Paira como uma sombra, e desmesuradamente, entre a realidade, d'onde parte e onde jámais revertirá, e a fantasmagoria para onde leva todos... como a mulher que caça ratos do Ibsen. Deve ser um sonho... um imponente sonho... mas é no fim de contas... uma grande mulher!

Eis o que poderá adivinhar quem nunca a viu... e adivinha-lo pelo mataborrão em que os escriptores seus contemporaneos enugaram os seus melhores artigos.

Essa grande mulher escreveu um dia sobre as mulheres... E escreveu isto:

AS AMERICANAS

«E' a quarta vez que venho á America e eis-me enormemente admirada dos formidaveis progressos do publico. Da primeira vez, ha dezeseis annos, creio eu, debutei no drama; minutos depois de ter começado a representar, estarelli inquieto, perturbado por um exquisito ruido; passam mais cinco minutos e renova-se o caso... dir-se-hia um *chut!* dito baixinho e ao mesmo tempo por mil vozes; e só á terceira vez del com a causa do sussurro: tinham as senhoras todas um libretto em que iam seguindo em inglez a peça; e como voltassem naturalmente ao mesmo tempo as paginas, d'ahi o ruido que me tinha por momentos deixado perplexa sobre o seu verdadeiro sentido.

A segunda vez que vim á America, ha dez annos, metade das senhoras já não tinham libretto; da terceira vez apenas divisei umas dez ou quinze lendo — e este anno nem uma... nem uma só levava o seu libretto. Acho isto admiravel.

Accusam-me geralmente de parcialidade para com a America. A verdade é que não posso fugir a uma grande sympathia por este povo, livre, cheio de vida, vibrante, prompto constantemente a inventar e a acolher a sciencia, a arte, o genio enfim, seja qual for a sua patria. Sim... sim, adoro essa terra onde a mulher é rainha... rainha absoluta; vae, vem, ordena, proclama, exige, ensina, gasta doidamente e nunca diz: *muito obrigado* — o que revolta toda a gente e a mim me encanta.

Ha lá nada mais estúpido que o: *muito obrigado*, e não será bastante agradecimento para qualquer pessoa o prazer que lhe proporciona o prestar um qualquer serviço? Ah! como eu acho felizes as mulheres na America!

Certa mulher, bem linda, que eu encontrei n'uma reunião, afamada pela sua belleza pelo seu espirito e pelos seus livros, bradou-me de repente no decurso d'uma palestra: — Mas, madame Bernhardt, sou de opinião que somos muitissimo respeitadas; os nossos maridos estão desde pela manhã até á noite nas suas occupações.

— Verdade seja — acrescentou outra — que se eu tivesse junto de mim o meu marido todo o dia, preferia separar-me...

Pedi eu a essas duas senhoras para tirarem ellas proprias conclusões dos seus dizeres. — Não



Sarah na Princesa Loinaine



SARAH BERNHARDT



Sarah Bernhardt e Rejane no *Prince de Danemark*

tiraram. Por conseguinte... Outra descoberta que fiz... entre mil: a rapidez com que mudou o gosto literario.

Ha poucos annos — as peças preferidas eram as peças de sensação, as peças d'enredo; não entrava para ahi a litteratura; hoje o publico americano já quer pensar e quer mais alguma coisa do que a emoção banal d'uma creança encontrada ou d'uma scena de veneno; quer achar uma conclusão, o porquê das coisas; encanta-se com qualquer bello pensamento e emociona-o mais uma idea nova e simplesmente apresentada do que uma facada ou a revelação d'um criminoso.

O espirito das mulheres está requintado a um alto grau; sabem muito... e bem.

SARAH BERNHARDT.

O primeiro artigo sobre Sarah Bernhardt:

1862—Os debutes

(NA COMEDIE FRANÇAISE)

Começam os debutes — Vão desfilar os laureados do Conservatorio — E' Mademoiselle Bernhardt (porque não se chamará simplesmente Bernard?) quem rompe a marcha — Mademoiselle Bernhardt apresenta-se sob os auspicios de Mademoiselle Favart. Representa as princezinhas da tragedia antiga e as ingenuas choronas da comedia moderna; exhibiu-se pela primeira vez na *Iphigenie* a semana passada, e pela segunda vez esta semana na *Valérie*. Mademoiselle Bernhardt é alta e bonita, de figura esbelta e physionomia attraente; a testa sobretudo é notavelmente bella. Está bem em scena e *dis* com perfeita nitidez. Representou *Valérie* como uma collegial. *Valérie* é papel de que muito gostam as principiantes. A verdade é que se presta a isso; mas já é hoje bastante sensaborona e não sei bem o motivo porque tantas vezes se lê nos cartazes da Comédie-Française.

FRANÇOISE SARCEY.

UMA OPINIÃO AMERICANA

Ha dias — foi em Chicago? foi em Nebrasta? — Sarah Bernhardt devia representar a *Adrienne Lecouvreur*. A hora annunciada a enchente era completa.

Preços exorbitantes e nem um logar sequer por vender — por desgraça, dois dos actores que deviam entrar no drama, á ultima hora faltam — Perderam um comboio e lá se ficaram a uma distancia de 20 leguas.

Substitue-se *ex-abrupto* o espectáculo — Annunciara-se ao publico que em vez d'*Adrienne Lecouvreur*, Sarah representará *Phedre* — Por mim senti logo vontade d'estrejar as mãos de contente! mas tinha feito mal...

O americano é que não se engana; foi ao-bilheteiro reembolsar se... e sa-

fou-se.

Estou a ver os novellistas de coisas d'arte tratando de registrar este espantoso facto de existir no mundo um povo que preferê Legouvé a Racine — mas não — Nem mesmo em Nebrasta ha tal exquisite de gosto.

A coisa é outra. Com o instincto peculiar a um mundo novo, nos seus theatros construidos no mesmo sitio onde ainda hontem arrasavam florestas, os americanos farejaram na *Adrienne Lecouvreur* o unico drama em que Sarah Bernhardt não precisa d'esforço algum para parecer outra.

Na *Adrienne* é completa... não como comediante... mas precisamente porque não precisa de o ser.

Não são tão tolos como isso os senhores americanos!

Na Sarah por quem são doidos, o que admiram acima de tudo é a creatura mais que terrestre e que é a primeira entre as do seu sexo.

Estes seres rudes, polybarbudos e virginaes, representando n'este proprio momento na humanidade o supremo masculino, não conseguem admirar-se bastante de que viva sob o sol, mulher que tanta graça e magestade tenha no andar, tanta chamma pura e apaixonada nos gestos e uma voz tão perturbada... para o coração do homem.

E nem sequer pensam nas tragedias que representa, e se afinal é ou não uma grande tragica!

J. J. WEISS.

Imagem de critico

N'uma das salas do museu de Cluny, ha uma tapeçaria idade-média onde vagueiam descuidosas bellas castellãs; envolve-as uma paysagem fantastica; flores d'enormes calices, todas s'inclinam sobre ellas, nascidas d'arbustos inverosimeis; e aos pés das lindas castellãs, humilham-se dragões, chimeras, leões. Uma natureza avistada no seculo XI ou XII de cima de torres!

A phantasia e o orgulho foram assim pousar Sarah no cimo d'uma torre muito alta d'onde se não vê a vida, nem com ella se comunica. E todo é lá soberbo e irreel, feito para encontrar a imaginação e para desolar o entendimento — Mau é que quem chega a taes alturas nunca mais descerá; a natureza assim se vinga dos que a abandonam para sempre: sonharão sem igual... e a tragica que a abandonou foi condemnada á eterna repetição dos mesmos gestos, da mesma graça, dos mesmos desfechos... como a bellas castellãs aos mesmos calices enormes, ás mesmas chimeras e aos mesmos dragões.

MARIO BERTHAUX.



Sarah no 3.º acto do *Hamlet*





Theatro de D. Maria

A *Lua de Mel* — Comedia em quatro actos, de G. Von Moser, traducção do sr. Freitas Branco.

INAUGURAÇÃO DA EPOCHA

No dia 19 inaugurou o theatro de D. Maria a sua actual temporada theatral, com a *reprize* da deliciosa comedia de G. Von Moser, *A Lua de Mel*, com muita propriedade vertida a portuguez pelo sr. Freitas Branco. D'esta peça já especialmente nos occupamos, a epocha passada, quando foi da sua primeira representação. Agora, referindo nos á inauguração do theatro, cumpre-nos frizar que esta assumiu, por mais d'um motivo, o caracter d'uma verdadeira solemnidade.

Concorra para isso a elegancia e brilho das *toilettes*, a alegria e interesse das physionomias, de antemão accusando em todos os espectadores uma benevolida disposição commum; e, conjugadamente, o ar remocido e limpo da sala, com a sua iluminação profusa, a sua plateia melhorada, e sabios

retouques de ouro, aqui, alli, pelos recamos e arabescos da sua ornamentação de luxo, sobre a qual o severo e attico tecto de Columbano realisa um intenso e artistico destaque.

Quanto a nós, as obras e melhoramentos ultimamente mandados executar pelo ministerio das obras publicas n'este theatro, teriam ido mais longe, se o theatro de via ser illuminado a luz electrica, sem se apejar comtudo o seu grande lustre, tão caracteristico e tão bello. Realisava-se um incontestavel melhoramento, e atenuava-se a grande elevação de temperatura da sala de espectáculos, tão grande e tão incommoda como se não nota em nenhum dos outros theatros de Lisboa.

Entretanto, mesmo assim, tal como está, a sala do theatro de

D. Maria tem um cunho elevado e artistico, o que quer que seja de repassada mente fino e aristocratico, que deliciosamente nos prende e nos encanta; e n'essa bella noite da inauguração, ainda a este effeito, propriamente exterior, veio juntar-se, na mais harmoniosa convergencia de resultados, a acertada escolha da peça de abertura.

Com effeito, a *Lua de Mel*, apesar de desengal, parece antes, pela leveza, pela verve e por este genero de graça que apenas faz sentir, um producto da phantasia galesta, do que o fructo do genio allemão, genio por essencia tão ponderado e tão sério.

E, n'esta ordem de ideas, francamente nos pareceu agora o desempenho um pouco em desacordo com a composição e a intenção da peça. As varias personagens, tanto as primarias como as simplesmente episodicas, — *Johannes Krapmann*, *Maria*, *Livia*, o proprio *Alfredo Hilberg*, — são, em geral, demasiado carregadas.

Parece haver na sua figuração, o porfiado intento de lhes vestir uma amplitude caricatural, quando essas leves e espiritalizadas figuras não pretendem mais, segundo o desenho patente do auctor, do que adorar muito ao de leve a linha do ridiculo.

Poderá ser que estejamos em erro; a nossa consciencia porém impõe-nos o dever d'esta observação, pela muita consideração que nos merece esse excepcional grupo de meticulousos artistas.

ABEL BOTELHO.

Theatro D. Ametia

A minha nora

A sogra é hoje de todas as figuras familiares a mais comumente explorada no theatro. D'ahi a difficuldade, plenamente vencida por Billaud e Carré, de nos darem uma sogra *sui generis*, tratada por uma forma nova, original, desopiante, imprevisita.

As *Surpresas do divorcio*, as *Mulheres necessitas*, e tantas comedias do genero, que contam pelas representações os triumphos, exploram a sogra em presença do genro. Aqui o alvo da inveja, da furia, dos nervos da sogra, é a nora. Primeira originalidade, a segunda está na forma de ser, no typo, no feitiço do filho. Paulo Leverdier podia ser mais filho que marido, dar razão á mãe, ser do lado d'ella, nas suas iras e nas suas invectivas, azedar mais ainda a existencia de sua mulher. Seria outra forma effeitos imprevisitos. E não seria menos vulgar tambem na vida real, onde, como me dizia ha dias um dramurgico consagrado, fazem chorar estas scenas de familia que no theatro fazem rir.

Outra originalidade de ainda, e essa então bem frisante e imprevisita, é a do desenlace. Quando está á bica — permitam o plebeismo — o defecho que todos esperam, o que pelo decorrer da acção está indicado, toma esta um aspecto novo, um desdoloramento logico, nada forçado, que se va encaminhando a um desenlace que até alli absolutamente não se previa, e que affinal é de veras racional e comico: uma verdadeira *ironie*.

Como concepção, isto basta para mostrar o valor de *Maria*. A originalidade, a novidade, é o escolho da maior parte dos que a procuram, que não raro julgam ser original o que não passa de banalidade disfarçada e pretenciosa.

Sob o ponto de vista de *métier*, a peça de Billaud e Carré seria no seu genero uma obra prima se algumas hesitações, resultantes da difficuldade de atingir a originalidade sem sahir da logica, não obrigassem os auctores a arrastar um tanto a acção no terceiro acto. Por isso, apesar do effeito final elle é inferior aos dois, que são um primor de execução desde que o assumpto é lançado com toda a amplitude e com toda a clareza, até que se vá desenvolvendo, sem uma hesitação, sem um obstaculo, no meio de um dialogo, felix, proprio, cuidado, entre personagens que pela observação e pelo rigor com que estão desenhados, parece que mais pertencem aos dominios da alta comedia, com exigencias e responsabilidades.

É, traçada ao correr da penna a impressão que nos deixa *A Minha Nora*, realçada ainda na linguagem portugueza pela espirituosissima versão, que com tão fino tacto foi confiada a Schwalbach, riza d'esta outra impressão, a que nos ficou do desempenho. Mas esse estava na maior parte confiado a artistas illustres, que em papel de bem maior responsabilidade fizeram o seu nome e firmaram o seu credito. Quiz impossivel seria portanto diminuir-nos na interpretação das figuras creadas pela imaginação uberrima dos dois escriptores francezes.

Typos todos elles de verdadeira comedia, entrando francamente no alto genero e apenas aqui e ali roçando pelo *vaudeville*, o equilibrio necessario, as nuances subltis, a exacta comprehensão das responsabilidades, emfim o justo meio, os artistas de folego podiam satisfazer a todas estas exigencias, que, por não serem excessivas para o nome que crearam, não deixam



Carlos Pósser
(Do theatro de D. Maria II)



Ferreira da Silva
(Do theatro de D. Maria II)



Scena final do 2.º acto de *Minha Nora*



Augusto Rosa
(Do theatro D. Amélia)



Rosa Damasceno
(Do theatro D. Amélia)



Eduardo Brazão
(Do theatro D. Amélia)

por isso de ser indispensáveis a toda a obra arte. Temos no primeiro plano Rosa Damasceno, Augusto Rosa, Brazão e Anna Pereira.

Rosa é já sabido que tem o privilegio de em todos os papeis se remocar, e dar um encanto novo, quantas vezes improviso, a figura vivida no palco pela sua fina observação e pelo seu talento de comediante. De Marilha Leverdier, a nora, a protagonista da peça, fez ella uma criação adoravel, indo ao encontro de todas as subtilidades do papel, enchendo por completo o pensamento dos auctores. A voz, que não perde nunca aquella vibração metálica a que está tão costumado o nosso ouvido, o sorriso que sabe ser tão infantil como malicioso, o gesto tão apropriado, e acima de tudo a intelligencia clara e nitida na comprehensão da personagem que encarna, tantas qualidades prestaram-se à maravilha para que o papel de Marilha salisse primoroso, impecavel.

Augusto Rosa, que põe o mesmo valor e o mesmo cuidado em todas as personagens de que se encarrega, deu singular relevo à figura de Paulo Leverdier, não esquecendo o minimo detalhe, e sabendo tirar effectos comicos com uma arte que, mantendo sempre as linhas puras, nunca descamba no exaggero.

Brazão, completo quando faz typos de homem, augmento com os dias mais interessantes a sua galeria já vasta. Esplendida caracterisação, bello typo, esse paer Leverdier, que está farto de aturar a mulher, que é do partido do filho e da nora, e que acaba por pedir a sua demissão de deputado, forçado pela mulher, que o encontra em flagrante delicto de tração conjugal! Anna Pereira deveria por um boato menos de *charge* no seu papel, para que elle fosse o que os auctores delinearam. A parte esse senão, teve scenas feitas com o talento e a arte que na sua gloriosa vida de artista tantas vezes temos applaudido.

Na escaza, talvez depois d'estes, os nossos applausos a Pinheiro, que progrediu a olhos vistos, e que fez do Honorio um excellent typo de comedia, a Maria Pia d'Almeida, uma condessinha muito *coquette* e muito gentil, a Augustus Antunes, o original chefe do protocollo, a Setta da Silva e João Gél, typos comicos bem achados e excellentemente reproduzidos, e finalmente a Jesuina Saraiya, que nos deu uma precieavel figura de creada ladina.

Com todos estes elementos o exito que no D. Amélia tem tido A minha nora está mais que justificado e prova que, para ser completo o applauso publico, não carecem os auctores de theatro, mesmo os que cultivam um genero de menores responsabilidades e exigencias, entrar n'um caminho que roça a maior parte das vezes pela pornographia.

JAYME VICTOR.

Theatro do Gymnasio

Desapparecido! — Comedia em tres actos, de Bixson e Sylvaes, traducção do sr. Moura Cabral.

São tres bellos e desopilantes actos de comedia, em que, na mais harmoniosa e scintillante conjugação, a frescura, o interesse, a espontaneidade e a graça se mantem, com uma pujança e uma egualdade como só os francezes sabem conseguir. No theatro allemão e no theatro italiano contemporaneo ha exemplos valiosos de peças, pela finura e pelo espirito, com traços soberbos de comico, com esplendidas *trouvaillies* de grotesco, como não é facil alcançar melhor. Algumas peças, por exemplo, de Blumenthal e G. von Moser, e nomeadamente d'este ultimo, o *Bibliothecario* e a *Lua de Mel*, são valentes specimens do genero. Simplesmente, em todas estas produções, ha desigualdades palpitanes, e, von Moser, e nomeadamente d'este ultimo, o *Bibliothecario* e a *Lua de Mel*, são valentes specimens do genero.

Simplesmente, em todas estas produções, ha desigualdades palpitanes, e ao trabalho do auctor.

No theatro francez, não. Allí as correntes tradicionais da *terre* e da *ironia* fizeram escola, insinuaram-se de força no temperamento dos comedigraphos, de modo que tanto a sua produção é espontanea, como é facil e equal o seu comentario grotesco das pessoas e das coisas. E n'esta orientação desenfastuada e viva, dada a analyse dos ridiculos sociais, ninguém melhor hoje do que Bixson continua e mantém em Franca a liza brilhante de Moliere, Halcy e quejandos; nenhuma com maior intensidade, e ao



(Penultima scena do 2.º acto de Desapparecido)



Joaquim d'Almeida
(Do theatro do Gymnasio)



Beatriz Reche
(Do theatro do Gymnasio)



Celma Larcher
(Do theatro do Gymnasio)



Didie Weiland

mesmo tempo com mais delicada ironia, desdobra a amplitude caricatural do assumpto escolhido.

A notavel comedia, *Desappareido!!!*, com enlhuastico agrado agora em scena no Gymnasio, é um exemplo modelar no genero, e portanto com criterioso acerto se procedeu á sua transplacamento para o tablado nacional. O comico das situações é ás vezes um pouco infantil, como aquella impazavel scena final do 3.º acto, — o enfusante pedaleio por tres typos de bom humor impozio ao avaro *Babule*. Mas o publico ri e applaude de mesmo assim, e de resto, a technia rudimentar d'uma

outra série de situações é largamente resgatada pela torrençosa onda de espirito que alacremenno inunda toda a peça. Assim, aquelle soberbo *truce* dos dois testamentos, perfeitamente eguaes, com o iravesso *Montigrioli* procura em ultimo recurso conquistar as boas graças das duas mulheres, amlas casadas, a quem requesta com ardor, — e no qual originariamente se estrilha toda e interpenetrissima medida de poeticas que enchem o 2.º e 3.º actos, — é um achado felicissimo, d'aquelles que são a temperamentos de eleição accorde, e bastam a solidamente firmar a reputação de um escritor de theatro.

A traducção da peça é excellente, conservando sempre o dialogo a leveza e crystallinidade e a graça do original. E' propriamente o trabalho de um ascriptor metucloso e provido, aparte uns pequenos senões, como no 2.º acto, aquella interrogação de *Luciana* a *Montigrioli*: «Faz-se mal?» por «Magão-se te», a qual, verdade, verdade, nos produziu um calafrio. — De resto, nós comprehendemos muito bem que fosse naturalmente por um excesso de *chic*, que não discutiremos agora, que o sr. Moura Cabral se

permttiu este e outros excessos de... culteranismo. Entretanto, repetimos, nada vale este pequeno senão, se o defrontamos com a exabundancia de verso, scintillação e fino espirito, que a mais cheias por toda a parte desparzou o fidalgo e facetado chronista, que os leitores do *Brasil-Portugal* tão bem conhecem.

O desempenho do *Desappareido!!!* é muito bom, fazendo por equal honra ao merito e talentos proprios dos interpretes, e á prova da competencie e zelo do ensaiador, o sr. Leopoldo do Carvalho. D'esse grande e omnimodo artista que é Joaquim d'Almeida, (*Robur*), seria superfluo justificar e repetir a inextogavel veia comica, o admiravel arsenal dos seus portocitosos effeitos de grotesco; Telmo faz o estroina da peça com muita justiza e distincção, mantendo-se sempre n'uma sobriedade elegante, sem descambar na farça, e *dizendo* inexcavelmente bem; Marcellino Franco e Cardoso dão o maximo realce á joraldade patente das respectivas personagens; Beatriz e Joseph, as duas primas mulheres, mostraram comprehender na justa medida a linha tortuosa e difficil das duas respectivas figuras, tão favorecidas da phantasia como longe da realidade. Os demais, todos correctamente.

Restam-nos fallar do scenario, o qual merece bem uma referencia especial, pelas raras e brilhantes faculdades artisticas que revela no scenographo Machado, a quem o publico deve a regalada contemplação d'esse verdadeiro primor scenico. Decorre a acção de toda a peça no *atelier* do pintor *Montigrioli*, que dispunha de uma razoavel fortuna. Prestava-se assim *est moito*, como nosces, a uma opulenta exhibição de decorativos; linha larga e segura base por onde expandir-se a suggestiva aza da phantasia. Foi o que aquelle nobre emérito scenographo fez, idealizando e realisando um interior de *atelier* que é um verdadeiro encanto, pela elegancia da disposição, a belleza dos effeitos de luz, a riqueza da ornamentação e a propriedade do mobiliario. Ha então, n'esse magnifico trecho de pintura, minudencias d'um realismo surprehendente, d'um *rendu* inexcavel, — como é a nega de céu que através da grande janella da esquerda se decortina, e aquelle bello parnosol japonês, de lindos e variados tons.

Logo ao subir do passo, o publico, entusiasmado, rompe em caloroso applauso, fazendo ao eminente artista uma vibrante ovacão. Tambem, nos finais dos actos, não fallaram palmas e chamadas, todas por equal bem justas, ao traductor, ensaiador e interpretes.

ABEL BOTELHO.

CARTAZ DA QUINZEZA

THEATRO DE D. MARIA PERAL SEC'

S. Carlos.— Abriu a assignatura para os 50 recitas da companhia lyrica, alem de 18 recitas extraordinarias, mas quaes entram 6 dadas pela lèpne, sendo as outras duas por as estreas de novos artistas ou novas peças.

As recitas de Réjane comecam no dia 4 de dezembro.

Representa: *Diorçona, Frou-frou, La Parisienne, Ma cousine, Madame Sans-Gêne, Sapho, Zaza*.

N'um dos proximos numeros dedicaremos algumas paginas á illustre artista, que a compra de S. Carlos nos proporciona occasião de applaudir e admirar.

D. Maria.— Dá as ultimas representações da *Dna de Mel*, enquanto faz os ultimos ensaios da peça de Goldoni, a *Thopaleira*, traduzida por Meilo Barreto.

D. Amélia.— Enquanto não principiam as recitas da Sarah, vai a companhia de Rosas e Brazão fazendo *repêze* das peças que mais agradaram nas epochas anteriores, e ensaia duas peças novas: uma traducção e uma original.

A primeira é a peça de Alphonse Daudet, *Fronnon y C.*, extrahida do romance do mesmo autor *Fronnon Junior y Baiser Senior*, traducção de Izaquillo Ortigão. Em seguida far-se-ha a *première* da nova peça de Lopera de Mendonça, *Amor lotico*.

No *Fronnon* estrea se a actriz Georgina Pinto, artista de muito valor, que tem alcançado grande successo nos theatros do Porto.

A traducção de *Fronnon y C.* é a seguinte: *Franz, João Rosa; Balor, Eduardo Brazão; Pianus, Antonio Pinheiro; Jorge, Luiz Pinto; Diodado, Augusto Rosa; Chebe, Augusto Antunes; Firmin, Bayardi; Um noço, Salles; Toby, Setta da Silva; Inestire, Rosa Damasceno; Sidonia, Georgina Pinto; Clara, Maria Falcão; Mrs. Dobson, Jesuina Saraiva; Christina, Amélia O'Sullivan; Uma criada, Candida.*

A traducção de *Amor lotico*, é a seguinte: *Marcel, telecervo, João Gil; Paulo, Augusto Rosa; João, Eduardo Brazão; Manuel, pescador, Augusto Antunes; Charroco, Jesuina Saraiva; Dionizio, propeito, João Rosa; Hugo, Alvaro Cabral; Secc e Mecc, Lagoz; Aninhada, Georgina Pinto; Monica, Anna Pereira; Rosaria, Amélia Pereira; Um pescador, Salles; Uma mulher do povo, Amélia Sullivan.*

Trindade.— Continua dando as peças que mais agradaram durante a epocha de verão, e vai ensaiando a magica do grande espectáculo, *O Helogio Magico*.

Gymnasio.— Para reaparição do actor Ignacio, que regressou do Brasil, dará as *Alegrias do Lar*, e ensaia a *Jucunda*, a excellente peça do nosso collaborador, Abel Botelho.

Rua dos Condes.— No dia 8 representa em *première*, a comedia em 3 actos, original do sr. Xavier Marques, *O Filho do Comissario de policia*. A distribuição dos papéis é a seguinte: *Jose Cordeiro Pinto—Carlos Louz; Fygnatão Gil—Gallo Sereno—Valle; Conselheiro Faustino Soares—Silva Pereira; o Escrivão—A. Evens; Paulino Cordeiro—J. Silva; D. Maria Francisca de Xavier Soares—Amélia Rochodo; Vicencia Figueiroa—Jesuina Marques; Francisca Soares—Maria Emilia; Madame Madeline—Gabriella de Lucy; Lucia—Alda Simões.*

Com o *Filho do comissario de policia*—nobe á scena, tambem pela primeira vez, a opereta em 1 acto, *Loucuras de Amor*, traducção de Pedro Cabral, com musica do maestro Philippe Duarte.

Principe Real.— Representará o drama, *A bezouga*, traducção de João Salles. Alem d'esta peça destinada a ter um grande successo, representará tambem as peças que mais tem agradado durante a epocha.

Theatro do Rato.— Este popular theatrinho, que tem artistas de incontestavel valor, está ensaiando uma magica do grande espectáculo *Proezas de Sansano*, e emquanto se não realice a *première* vai representando as peças *Draydes de Chaves* e a *Grande Accidia*.

Colyseu dos Recreos.— Neste Colyseu onde está a melhor companhia equestre que tem vindo a Lisboa, succedem-se as estreas de novos artistas e succedem-se as encultades.

Na proxima quinzeza estream-se: *Dia 4.—Chantessa Neisa*, a mais brillante estrella dos cafes parisienses. *Dia 6.—Mrs. Dantes, os Homens do Fogo, Dia 7.—Troupe Travellantes*. A primeira composita de duas senhoras e quatro homens, e a segunda composita de duas senhoras e quatro homens, são artistas notabilissimos em pantomimas comico-excentricos. *Dia 8.—Os Clowns musicas*, irmãs Gúrdas. *Dia 11.—Miss Athleta, a mulher mais forte da actualidade.*

Como se vê, a proxima quinzeza no Colyseu dos Recreos promette ser deslumbrante.

Real Colyseu.— Abre no dia 4 com a peça de grande espectáculo *Caralheiro da Bocha Verdeha*, original de Baptista Machado, com musica do maestro Dias Costa.

Clown do Colyseu dos Recreos

BRASIL—PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Impresso no Typ. do Commercio
TRAVESSA DO SACRAMENTO AO CARMO, 3 e 7

Editor — **LUIS ANTONIO SACHES**
Redac. e administr. — R. Ivens, 52 — LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno.....	} (moeda brasileira)..... } 42000 25000	Anno.....	72000
Numero avulso		6 mezes.....	42000
		3 mezes.....	28000
		Numero avulso.....	2400
		Anno.....	82000
		6 mezes.....	42000
		Numero avulso.....	2500

SUMMARY

No continente

Chibros electricos — A Sarah — BRASIL-PORTUGAL.
O Transvaal — ANTONIO JOSE D'ARAUJO.
O tempo da aniliza — VERNOS DE ALFREDO DA COSTA.
O velho amigo — COSTO DE LIMA TAVARES.
A retirada de Guercia — BATISTO D'ALMEIDA.
Sarah Bernhardt — SILVA PINTO.
Sarah Bernhardt.
Theatro — D. Maria, ABEL ROYELLO — D. Amelia, JATME
VICTOR — GYMERALO, ABEL ROYELLO.
O Cactus da Quinzana.

PORTO — Livraria Mouteira, Praça de D. Pedro.

EVORA — Luis Freire Correia, director da fiscalizaçao dos tabacos.

PONTE DE LIMA — Lima, Amaral & C.ª

A Empreza BRASIL-PORTUGAL espera dentro em pouco completar a relaçaõ dos seus correspondentes em todas os outros Estados.

Com elles se poderão entender directamente todos os sra. subscriptores d'esta publicaçao, no Brasil.

desgraçados. Por aqui se vê qual a importancia deste estabelecimento que felizmente está a cargo de generosos coraçoes que não se poupam a esforços para aliviar as dores alheias.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado. — **Peste**, — aspectos moraes da epidemia nacional — J. Leitão.

Recebemos dois fasciculos d'esta publicaçao que pretende criticar o actual estado social da vida portugueza. O auctor fere assumptos muito controversos para explicar, mercê de um pessimismo estrabico, a vida nacional que, no seu dizer, está empastada.

O ultimo pamphletario não está ainda esquecido e todos nos recordamos com saudade das bellas paginas de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, mais tarde substituidas por Filho de Almeida que nos deu nos *Gatos*, pamphleto de inquerito á vida portugueza, magnificos artigos de critica superior.

Faltam ao auctor da *Peste* todas as grandes qualidades d'aquelles bellos espiritos, adornando-se apenas com o deileito de vir dizer que tudo o que é nosso é mau, sem nos apontar o remedio pecha, em geral, peculiar dos tempos que vão correndo.

A *Peste* é escripta n'uma linguaagem simples e sem compostura, e destinando-se a circular periodicamente.

Cantos Sagrados, — por Manoel D'Arriaga — Livreiro, Gomes, Editor, 1899.

Paginas supplementares

Os nossos correspondentes.
Bibliographia.
Cartas e cartas.
Ciencia facil — OSVALDO.
Recitas.
Horas d'ocio.
O melhor dos Colla-tudo — COSTO MEDO.

46 ILLUSTRAÇÕES

OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empreza do BRASIL-PORTUGAL tem ja os seguintes representantes:

No Brasil

- RIO DE JANEIRO** — Coronel Theodado Pope de Moraes e José Martins Follo, Rua da Alliança, 4, sobrado.
- PERNAMBUCO** — Leopoldo A. da Silveira.
- PARÁ** — Manuel Ferreira Santos Junior (cna sa Very-Well).
- MANAOS** — Lino Aguiar & C.ª
- BARANHÃO** — Leoncio J. de Medeiros & C.ª
- CEARÁ** — Salles Torres & C.ª

Em Africa

- BOLAMA** (Goind) — Cesar A. Gouveia da Silva Homem, thesoureiro geral da Provincia.
- MOSSAMEDES** — José Maria Pereira, escripto e tabellião.



— Os Albergues Nocturnos de Lisboa, — associaçao de que é presidente. S. M. El-Rei, D. Carlos I. — Temos presente o relatório que o sr. cônde de Valença, como secretario d'esta benemerita associaçao, acaba de nos enviar.

Pela leitura que fizemos no apreciavel documento litterario d'aquelle titular e pelo balancete appenso ao relatório, vemos, com jubilo, que a vida d'esta utilissima casa de soccorros, é prospera.

E' para nós motivo de orguho registar este facto e são poucos todos os elogios de que se tornam credores os illustres membros de tão santo fim, como é o de soccorrer as almas infortunadas pela miseria.

Entre n's vie-se geralmente propagando o gosto e o amor por instituções d'esta natureza.

O relatório, que proficientemente explica toda a vida d'esta associaçao de caridade, demonstra que são muitos os necessitados e que, se por um lado crescem os obulos e os donativos dos caridosos benefiteiros, multiplicam-se, tambem, os

O melhor dos COLLA-TUDO



I

Conselho d'Amigo...

Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

O autor dos *Cantos Sagrados*, como poeta, filia-se no grupo dos pensadores. Em Portugal, onde a veia poética é, por assim dizer, acessível a todos os espiritos de eleição, não é raro vêr-se um homem de valor debutar nas letras com um livro de versos.

Entretanto o maior numero dos livros de versos são puramente affectivos, porque, com effeito, poetas que perturbou ou que nos enrugem o cerebro, concitando-o ao raciocinio, são pouquissimos.

Dr. Manoel D'Arraga, tambem não se enfi leira n'este ultimo requêr.

A sua poesia demora, sobretudo, os *corregos* da philosophia e como pensador amando o que é justo e o que é bom, tudo quanto se aproxima da *suprema belleza* que é Deus, não o podemos classificar de lyrica extreme, nem de artista especial.

A forma dos versos, hoje um requisito indispensavel, não é a sua belleza dominante: é o Pensamento, a Ideia.

A esthetica moderna, obriga-nos a olhar o verso como uma crystallisação pura do pensamento, uma synthese perfeita do sentimento sem excessos nem descuidos. O poeta que não ligar a melhor ideia á melhor forma, terá repetido muito mais o sentimento do que aquelle que se individualisear pelo estilo proprio dos seus versos.

Um artigo muito interessante para todos os paes e familia.

«E' preciso, ensina o dr. Paul Carus não negar a existencia real da causa imaginaria que a criança achou para ficar aterrada. Se a criança diz ver um phantasma, não caçõem com ella, não ralhem, afirmando que não ha phantasmas, que o phantasma só existe na sua cabeçinha, porque seria perder a confiança da creança. Enquanto o paes dissorta, a creança dirá: «Como não viu o phantasma tu do que me está dizendo não vale; eu sim, eu vi o phantasma e, portanto, existe».

Um exemplo. Conheci uma menina que, sempre que acordava de noite, via uma onça, um urso, uma fera qualquer na roupa deixada sobre uma cadeira e dava gritos de terror. O paes acudia, tomava-a ao collo e levava-a para outro aposento. Accedia depois um lampião e allumava-a supposta fera, explicando á filha:

«Olha, parece que ambos nos enganámos; é o vestido de mamã que está pendurado na cadeira.»

Levantava o vestido, sacudia-o e convenia a creança que ambos se tinham iludido. A creança ria e tornava ao leito perfectamente tranquilla.

Um dia passava eu com um dos meus filhos por uma estrada ladeada de arvores desfolhadas. Um galho havia cahido sobre a estrada e de longe parecia um homem accorrido junto de uma bicycleta, representando os galhos finos os raios das rodas. O meu pequerruco teve medo.

«Papai, olha ali aquelle homem mau, tenho medo d'elle. Vamo-nos embora.»

Notei-lhe que o homem tinha uma immobildade exquinta e que a roupa era da cor dos galhos secos.

O pequeno insistiu em voltar cada vez mais aterrado.

Accedi, dando uma volta que me fizesse chegar ao mesmo sitio por outra vereda. Pelo caminho, contei-lhe historias divertidas para lhe distrahir a attenção e quando senti que elle havia esquecido «o homem da estrada» cheguei-me ao tronco. Sentei-me e fil-o sentar-se junto a mim.

Mostrando-lhe o tronco e tocando nos galhos miudos, disse-lhe:

«Não te parece que este tronco se pareceu com o homem que viste na estrada? Vae ver do outro lado.»

A creança olhou e ficou convencida do seu engano.

«Assim que se deve tirar o medo ás creanças.»

Um desastre horrivel fez com que o pianista perdesse ambos os braços.

Dada esta noticia a Simplicio, este exclama oomovido:

«— É uma grande e lamentavel desgraça: mas podia ter sido muito peor.

— Peior?

— Peior, sim! Pois elle não é pianista? Era muito peor se ficasse sem as mãos.

E' esta a falta (se isto constitue um senão) que pollamos ter achado nas *Auras Matinaes*.

Negar, entretanto, que n'este livro haja bellas qualidades, apesar da plasticidade não ser a sua melhor recommendação, é dizer uma blasphemia.

Sobretudo a facilidade de emoção que d'elle recuma e de vez em quando certas grossioidades subteis e coloridas completam o elogio d'estes versos.

A poesia brasileira tem um grande caracter, uma qualidade, para assim dizer, intransmissivel para extra fronteira. E' sua, muito sua aquella maneira sentimental de dizer, com doce melancholia de rythmos e ao mesmo tempo rictorial e ardente, todas as impressões do mundo externo.

São, isso quasi inconfundiveis os lyricos brasileiros, porque participam da influencia climatologica, d'uma nosologia especial por enquanto ainda não applicada em arte por novos Taines, Veronts ou Nordaus.

CURIOSIDADES

Os terrores das creanças

O dr. Paul Carus publicou em *The Open Court* um artigo muito interessante para todos os paes e familia.

«E' preciso, ensina o dr. Paul Carus não negar a existencia real da causa imaginaria que a criança achou para ficar aterrada. Se a criança diz ver um phantasma, não caçõem com ella, não ralhem, afirmando que não ha phantasmas, que o phantasma só existe na sua cabeçinha, porque seria perder a confiança da creança. Enquanto o paes dissorta, a creança dirá: «Como não viu o phantasma tu do que me está dizendo não vale; eu sim, eu vi o phantasma e, portanto, existe».

Um exemplo. Conheci uma menina que, sempre que acordava de noite, via uma onça, um urso, uma fera qualquer na roupa deixada sobre uma cadeira e dava gritos de terror. O paes acudia, tomava-a ao collo e levava-a para outro aposento. Accedia depois um lampião e allumava-a supposta fera, explicando á filha:

«Olha, parece que ambos nos enganámos; é o vestido de mamã que está pendurado na cadeira.»

Levantava o vestido, sacudia-o e convenia a creança que ambos se tinham iludido. A creança ria e tornava ao leito perfectamente tranquilla.

Um dia passava eu com um dos meus filhos por uma estrada ladeada de arvores desfolhadas. Um galho havia cahido sobre a estrada e de longe parecia um homem accorrido junto de uma bicycleta, representando os galhos finos os raios das rodas. O meu pequerruco teve medo.

«Papai, olha ali aquelle homem mau, tenho medo d'elle. Vamo-nos embora.»

Notei-lhe que o homem tinha uma immobildade exquinta e que a roupa era da cor dos galhos secos.

O pequeno insistiu em voltar cada vez mais aterrado.

Accedi, dando uma volta que me fizesse chegar ao mesmo sitio por outra vereda. Pelo caminho, contei-lhe historias divertidas para lhe distrahir a attenção e quando senti que elle havia esquecido «o homem da estrada» cheguei-me ao tronco. Sentei-me e fil-o sentar-se junto a mim.

Mostrando-lhe o tronco e tocando nos galhos miudos, disse-lhe:

«Não te parece que este tronco se pareceu com o homem que viste na estrada? Vae ver do outro lado.»

A creança olhou e ficou convencida do seu engano.

«Assim que se deve tirar o medo ás creanças.»

Um desastre horrivel fez com que o pianista perdesse ambos os braços.

Dada esta noticia a Simplicio, este exclama oomovido:

«— É uma grande e lamentavel desgraça: mas podia ter sido muito peor.

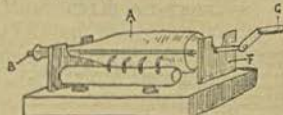
— Peior?

— Peior, sim! Pois elle não é pianista? Era muito peor se ficasse sem as mãos.

Sciencia facil

MACHINA ELÉTRICA ECONOMICA. — E' das mais facis de fazer esta pequena machina cujos resultados são de molde a compensar perfectamente a hora que o amator perdeu fabricando-a. Para isso basta ter uma garrafa de vidro branco, uma folha de cartão, papel de estanho e alfinetes; e deve haver tambem uma pequena almofada de crina polvilhada com *oro musquillo* (bisulfureto de estanho).

Faz-se no fundo da garrafa (A) um furo onde deve passar um eixo de madeira (B) com manivella (C). Suspense-se a garrafa pelas extremidades do eixo a um supporte qualquer (F). Por baixo da garrafa colloca-se a almofada de crina (que se não pode vêr na gravura) de modo que quando a garrafa girar rocepe pela almofada.



Com a folha de cartão faz-se um cylindro cujas extremidades ou bases sejam arredondadas. Ferra-se este cylindro com o papel de estanho e espatam-se n'elle os alfinetes de molde que os bicos d'estes fiquem collocados horizontalmente. Este cylindro é collocado parallelamente á garrafa de modo que os bicos dos alfinetes estejam virados para ella mas não lhe toquem, e é applicado sobre dous paus de licre.

Para se usar da machina basta fazer girar a garrafa. Esta electriza-se e vae por influencia electrizar o cylindro d'onde se pode utilizar para o que for preciso.

O TIPO DUPL. — Colloca-se perto d'uma vella accessa uma outra apagada, mas cuja mecha esteja guarnecida com um pedacinho de phosphoro. Atravando sobre as vellas de uma distancia de 20 centimetros, com uma pistola, vê-se a vella accessa apagar-se e a que está apagada acender-se.

ORVAL.

— Teu filho fallou hontem na camara.

— Já soube E fallou bem?

— Oh, por certo!

— Como sabes?

— Quando elle, depois de duas horas de fallar, sentou, todos os deputados disseram: muito bem.

O melhor dos COLLA-TUDO



RECEITAS

Carneiro Mourisco

Ponham-se a refugiar 125 grammas de toucinho picado com cheiros, e quando estiver refogado, deite-se-lhe um kilogramma de carneiro meio assado, partido em pedaços pequenos. Cozinhase muito bem, e, assim que estiver cozido, temperese com todos os adubos, cozinhase com quatro gômmas d'ovos e deite-se n'um prato com canella e limão por cima. O prato ha-de ter 30 previamente untado com manteiga.

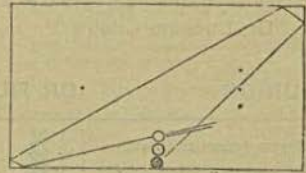
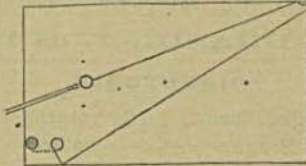
Limas velhas

Para avivar limas velhas, começa-se por se limparem com agua quente e potassa, esfregando-as com uma escova aspera; lavam-se em seguida; enxugam-se e mergulham-se em acido nitrico do commercio. Esta immersão deve apenas durar um instante; então, com um panno estendido sobre um pau, limpa-se o acido que molha a superficie. E' evidente que por esta forma se não pode limpar o acido que ficou entre os dentes da lima e que vai roçando o aço até certa fundura. Passadas duas horas lava-se a lima com agua e uma escova. Se não ficou bem avivada, repete-se a operação.

Horas de ocio

O BILHAR

Carambolas de phantasia



X. e Z. passeiam pelo Aterro.
X. (parando em frente do caes e admirando um grande navio ancorado em meio da bahia):
—Que soberbo vapor!
Z.—E' um transatlantico de trinta mil cavallos.
X.—Trinta mil cavallos! Que de estrumeira não irá lá dentro!

O melhor dos COLLA-TUDO



Fim

Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.^a

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44: Rua de S. Julião, 120, 152, 154 e 156—LISBOA

Preparação se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as circumstancias a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços

Licor de café Beirão

Approvado pela illustrada Inspectoria de hygiene do Rio de Janeiro e Estado do Pará

Celebre remedio contra sezões

Sempre certo!!! Sempre efficaz!!!

O CAFÉ BEIRÃO, ao que se sabe, começou a fazer a sua reputação sôbito, em silencio, sem arruído, até que com os seus proprios merecimentos tendo adquirido uma grande reputação, a sua fama fez echo na imprensa, porque as pessoas curadas quizeram fazer publico o seu reconhecimento, pois a saúde é o melhor dos bens que o céu nos pôde conceder.

O CAFÉ BEIRÃO cura as febres graves agudas, febres palustres, typhos, febre biliosa, cerebral, febres chronicas, endemicas e contagiosas, febre lenta, nervosa, febre depois do parto ou puerperal, febre proveniente de golpes, queimaduras do sol ou do fogo, de bezigas, saramo, etc., etc.

O CAFÉ BEIRÃO VERDADEIRO cura as febres intermitentes, malellos ou sezões, tão radicalmente, com tal promptidão e sem rescaldas, que hoje a sua fama de santo remedio Beirão é universal.

DEPOSITO

Drogaria Beirão

DE

Carvalho, Leite & C.^a

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ

Telephone 290

Telegrapho—Figari-Lisboa

COMPANHIA CENTRO AGRICOLA INDUSTRIAL

(FUNDADA EM 1876)

Exposição permanente de machinas agricolas e industriais, adubos, etc., etc.

17 a 31—RUA DO ARCO DO BANDEIRA—47 a 31



Encarrega-se do fornecimento de machinas e instrumentos agricolas e industriais, adubos chimicos, etc., etc., bem como da instalação de fabricas de qualquer natureza.

Executa-se todos os trabalhos em madeira, ferro ou bronze, fundição, etc., etc.

NAS OFFICINAS DA

Companhia Centro Agricola Industrial

CABES DO DAVID—POÇO DO BISPO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao scriptorio—27, Rua do Arco do Bandeira, 27—LISBOA

ALMANACH

"Brasil-Portugal,"

Desde já se aceitam annuncios para esta obra que deve constituir um primoroso e artistico volume de 200 paginas em papel de luxo.

BREVEMENTE



Caixa Postal
290

UNIÃO PARAENSE

Ender. teleg.
UNIÃO

COMPANHIA DE SEGUROS DE VIDA

Séde: Pará—BRASIL—T. da Industria, 13

DIRECTORIA

Presidente — Bernardo Ferreira de Oliveira
Vice-presidente — José Marques Braga

Secretario — Constantino Quadros de Carvalho
Thesoureiro — Manuel Elpidio d'Andrade
Medico — Dr. Luciano Castro

GERENTE

FRANCISCO COUTINHO JUNIOR

ADVOGADO

DR. FILIPPE JOSÉ DE LIMA



CESAR A. PAIVA
Cirurgião dentista
de Suas Magestades e Altezas
Consultorio
R. do Arsenal, 100, 1.º
LISBOA

Empreza Nacional de Navegação

Carteira quinzenal para a Costa d'África Occidental

Sabidas a 6 e 21 de cada mez, tocando nos seguintes portos:

Madaira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomaz, Cabinda, Santo Antonio do Zaire, Ambrizete, Anabela, Luanda, Novo Redondo, Divagueira, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres.

N. B.—Os paquetes que sahem a 6 não fazem escala por Santo Antonio do Zaire, Ambrizete, Bahia dos Tigres e Porto Alexandre, e sa do dia 21 por Madaira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, 8, 1.º

Nova sapataria da moda
Victor Gomes & Pedroso
Premiados na Exposição de Paris de 1890




MANUFATURA DE CALÇADO EM TODOS OS GÊNEROS

Exportação para o Reino, Africa e Brasil

Deposito geral—208 R. Augusta, 109
61, R. S. Nicolau, 68

MARCA



REGISTRADA

OFFICINA E REGISTROS:
47, Rua de S. Nicolau, 49
DEPOSITO NO PORTO:
234, R. de S. da Bandeira, 333
EXPERIMENTANTE NO PARÁ:
J. d'Almeida Pedroso, Caixa postal 314

Soares Irmão & C.ª

Importação directa de todas as praeças

FILIAL
0 Mercado Largo
Rua Municipal, 28
Vendas
n. Vargem

Caixa postal n.º 42
Ender. teleg. HAVANEZA
MANAOS

Permanente deposito de charutos, cigarros e fumos de todas as procedencias.
Piteiras, bolsas para fumo, e outros artigos para fumantes. Miudezas.
Completo sortido em artigos para homens e em objectos para viagem. Especialistas em roupa branca portugueza. Perfumarias.

SOCIEDAD FONOGRAFICA ESPAÑOLA HUGENS Y ACOSTA

Barquillo 3 Duplicado

MADRID

Apparehos phonographicos de todas as classes.
Casa especial para *Phonogrammas Artísticos*, considerados como superiores a todos os que se produzem no mundo.

Sejam cilindros impressos pelos melhores artistas conhecidos de *Opera, Zarzuela, Canto Flamenco, etc.*

BANDA MILITAR DOS ENGENHEIROS DE MADRID

Grandes descontos nas vendas por junto.

PEDIR OS CATALOGOS

Especialidade em chapéus

PARA

SENHORAS E CREAMÇAS

Estevão Chrysostomo

Completo sortimento de Artigos para Chapéus

191—RUA DO CARMO—128

LISBOA

* PROVAE OS DELICIOSOS VINHOS DO PORTO DE CONSTANTINO DE ALMEIDA *